

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DA EXPRESSÃO E DOS TERRITÓRIOS EM ATO: TEATRO, SAÚDE, EDUCAÇÃO**

**CÍCERO MEINCKE MELO**

**PORTO ALEGRE, 2012.**

**CICERO MEINCKE MELO**

**DA EXPRESSÃO E DOS TERRITÓRIOS EM ATO: TEATRO, SAÚDE, EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Grupo Temático: Educação em Saúde

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim

**PORTO ALEGRE, 2012.**

### CIP - Catalogação na Publicação

Meincke Melo, Cícero

Da expressão e dos territórios em ato: teatro,  
saúde, educação / Cícero Meincke Melo. -- 2012.  
111 f.

Orientador: Ricardo Burg Ceccim.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Educação em Saúde Mental. 2. Teatro. 3. Jogo  
Dramático. 4. Expressão. 5. "Território como ato". I.  
Burg Ceccim, Ricardo, orient. II. Título.

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Adriana Silva Thoma**

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos**

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Prof. Dr. Márcio Mariath Belloc**

Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul

Eu quero te contar por onde andei, como quem conta a uma criança. Quero criar essa história num lapso de inspiração, falar sobre o desejo com desejo e mostrar minha calma, minha fé e convidar-te ao movimento, à contemplação, à criação. Como quero pensar que sejas ainda criança, escrevo a essa criança que penso, que se move com desejo, com curiosidade, que inventa, que imagina, que transforma, que desestabiliza.

(à minha irmã, Ângela, e à Simone, amiga brotada nesse processo)

## **AGRADECIMENTOS**

A todos aqueles que me permitiram, até aqui, me construir criativamente através de trocas, do aprender em práticas de composição e do acolhimento de estranhamentos.

A todos os que pude escutar e que me prestaram escuta e tempo.

A quem me ensinou que nas miudezas, em toques, olhares e sorrisos, fazemos conexões potentes.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, cujo apoio permitiu minha dedicada permanência no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelas oportunidades em aulas, contato com professores e alunos e convivência intensiva.

O Sr. Keuner tinha pouco conhecimento dos homens. Ele dizia: conhecimento dos homens só é necessário quando há exploração. Pensar significa transformar. Quando penso em alguém eu o transformo, quase me parece que ele não é absolutamente como é, mas que passou a ser assim quando comecei a pensar sobre ele.

Bertold Brecht (2008, p.70)

## RESUMO

Esta pesquisa, em uma estratégia cartográfica de imersão no cotidiano do Serviço Residencial Terapêutico Morada São Pedro – serviço da rede substitutiva ao manicômio no cuidado em saúde mental – cria um aporte teórico, um eixo reflexivo, partindo do convite à criação de práticas de cuidado em saúde mental. A convocação ao pensamento se dá por composição, numa evolução que busca escapar de circularidades, passando por elaborações acerca do acolhimento à diferença-em-nós como um primeiro movimento de acoplamento de alteridade. Orientado pela perspectiva da composição de novos e inovadores espaços de produção de cuidado e acolhimento ao sofrimento psíquico, busca-se explorar o conceito de “território em ato” como potencial das artes, potencial do convite à participação e expressão dos coletivos (trabalhadores, alunos residentes) convocados à criação de práticas. Ao colocar-se ao lado e no lugar do cuidado, em pelo menos duas orientações iniciais para as práticas – invenção de um espaço teatral para trocas com a equipe de cuidado do serviço em questão e acompanhamento a moradores – o ator-pesquisador imergiu em uma proposta de pesquisa-intervenção na qual as práticas do cuidado em saúde mental se mostraram limitadas ao esbarrar em lógicas institucionais. O eixo de formação em serviço, com orientação multiprofissional, e o vislumbre de uma “pedagogia da implicação”, que convoca os coletivos de produção de saúde a trocas e acolhimento das demandas, em uma disponibilidade de escuta e exposição continuada, orientam as expectativas de acolhimento às expressões, busca de liberdade e capacidade inventiva.

**Palavras-Chave:** Educação em saúde mental. Teatro. Jogo dramático. Expressão. “Território como ato”.



## ABSTRACT

This research, in a cartographic strategy of immersion in the daily life of the Residential Therapeutic Service Morada São Pedro – service of the substitute network to the asylum in mental health care – creates a theoretical contribution, a reflexive axis, starting from the invitation to the creation of care practices in mental health. The call to thought is given by composition, in an evolution that seeks to escape from circularities, passing through elaborations about the reception to the difference-in-us as a first movement of coupling of otherness. Oriented by the perspective of the composition of new and innovative spaces for the production of care and acceptance of psychic suffering, we sought to explore the concept of "in act territory" as the potential of the arts, the potential of the invitation to participation and expression of the collectives (workers, Residency students) called for the creation of practices. By placing beside and in the place of care, in at least two initial guidelines for the practices - the invention of a theatrical space for exchanges with the care team of the service in question and follow-up of the residents - the actor-researcher immersed himself in a research-intervention proposal in which mental health care practices has been shown limited when bumping into institutional logics. The axis of in-service training, with a multiprofessional orientation, and the glimpse of a "pedagogy of implication", which calls on health production collectives to exchange and reception to demands, in readiness to listen and ongoing exposure, guide the expectations of acceptance of expressions, search for freedom and inventiveness.

**Keywords:** Mental health education. Theatre. Performing arts. Expression. "Territory as act".

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>SEGREGAÇÃO E ALTERIDADE</b> .....	22
LOUCURA, EDUCAÇÃO E SAÚDE.....	25
<b>POTÊNCIAS DA ARTE: O TERRITÓRIO COMO ATO</b> .....	29
AFECÇÕES E CORPO: VIAS DA SUBJETIVAÇÃO .....	33
<b>CRUZAMENTOS ENTRE TEATRO, SAÚDE E EDUCAÇÃO</b> .....	36
TEATRO E JOGO .....	40
UM CONVITE AO MOVIMENTO .....	43
<b>ATOR EM VISITAS</b> .....	47
ORIENTAÇÃO, DIREÇÃO: UM AMBIENTE, UMA PRÁTICA.....	50
<b>EXPANSÃO E EXPRESSÃO</b> .....	65
<b>ENTRE-ATO I</b> .....	76
EXPRESSÕES DO COLETIVO.....	83
<b>ENTE-ATO II</b> .....	86
A PRÁTICA COMO NORTEADORA .....	89
<b>ENSAIOS INCONCLUSIVOS</b> .....	93
VERTIGEM E FRONTEIRA.....	96
TERRITÓRIOS DE COMPOSIÇÃO NOS REGISTROS SUBJETIVO-COLETIVOS.....	99
<b>A TÍTULO DE CONCLUSÃO</b> .....	102
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107
<b>EVE</b> .....	110

## INTRODUÇÃO

Foi por força de uma fagulha que, em agosto de 2009, vim até Porto Alegre. Há um ano e meio, me formara ator, pela Universidade Federal de Santa Maria e, há um ano, me aproximava de algumas leituras básicas sobre o Sistema Único de Saúde – SUS, a Política Nacional de Humanização, a Política Nacional de Saúde Mental, a Política Nacional para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas, pois estava tentando uma vaga na Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, ofertada pelo Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde), da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

No ano de 2008, minha mãe, enfermeira, trabalhadora do SUS, apoiadora institucional da Política Nacional de Humanização (PNH), sugeriu que eu me informasse sobre as Residências Integradas em Saúde (RIS), o que me deixou bastante inquieto e curioso: foi esta fagulha que me direcionou também a um aprofundamento nos estudos em filosofia e que me trouxe até a cidade de Porto Alegre, ao Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), à Vila São Pedro, ao Serviço Residencial Terapêutico (SRT) Morada São Pedro, um ano mais tarde.

Nos últimos anos do século passado, durante o Ensino Médio, havia em mim apenas um tímido interesse pelo teatro e um enorme interesse pelo humano, pelas trocas e pela escuta o que, com algum incentivo de professores, me levou a crer que eu deveria estudar psiquiatria, ser um médico psiquiatra. Concorri, com sucesso, a uma vaga do curso de Medicina pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, durante o primeiro semestre do ano de 2001, trabalhei como voluntário no Centro de Testagem e Aconselhamento em HIV/Aids (CTA) do município de Santa Maria. Ao ingressar na Faculdade de Medicina, na turma 2001/2, iniciei visitas semanais à Unidade de Internação Psiquiátrica Paulo Guedes, do Hospital Universitário de Santa Maria – experiência mais marcante e significativa deste meu primeiro contato acadêmico que durou um único semestre. Durante algumas sextas-feiras, pude acompanhar a dinâmica do serviço, conversar com as pessoas que lá estavam internadas e acompanhá-las em alguns momentos de lazer no pátio interno, além de ter acesso a alguns prontuários incompreensíveis.

No ano de 2003, depois de um ano à deriva, já certo de que a medicina não era meu

interesse, ingressei no Bacharelado em Artes Cênicas, também na UFSM. No segundo semestre deste mesmo ano, ainda inquieto sobre minhas inclinações e meus desejos profissionais, abandonei quase todas as cadeiras em que estava matriculado e prestei vestibular para o curso de Letras. Neste novo curso, os debates da cadeira de Psicologia da Educação e algumas amizades errantes foram os brotos mais viçosos de mais uma etapa relâmpago de aproximação com a academia. No fim desse semestre, voltei a cursar regularmente o Bacharelado em Artes Cênicas, tentando concentrar ali minhas inquietudes.

Foi com certa dificuldade, mas também inteiramente apaixonado, que abracei o teatro como meu lugar no mundo: lugar de estar, de ser, de pensar, de criar, de irradiar, de inventar, de descobrir, de desconstruir e transformar, de me desconhecer e me reconhecer, de trocar, de sugerir, de agir. Acredito que a riqueza do teatro está na sua natureza relacional, no seu caráter humano, que acolhe o indivíduo em suas rupturas, em suas instabilidades, em sua força e em sua fragilidade, enfim, em seu momento de exposição (na melhor das hipóteses) e de enfrentamento. Acredito na força das experiências em teatro e em seu potencial de ampliar a capacidade de escuta de si e dos outros, de escuta do próprio corpo no momento do jogo e da construção de corporeidades. Estas permitem conexões/composições outras com o ambiente, ampliando as sensações no aqui-e-agora.

O fazer teatral se compõe de processos. Isto me faz crer que a experiência teatral, o experimentar do teatro, é o que de mais interessante essa arte pode proporcionar. O jogo, potência dessa arte, oferece possibilidades riquíssimas àqueles que a ele se propõem: ludicidade, desprendimento, espontaneidade, inventividade de soluções e vivência de estados são algumas delas. Os quatro anos regulares da graduação foram dedicados a “teatrar”. Fui aluno de um curso do ensino superior que mantém inúmeras características de escola de teatro, especialmente por ser focado na prática e experimentação teatral desde o primeiro semestre e pela contínua condução de processos criativos que integram os alunos de diversos semestres, ampliando as possibilidades e as qualidades das trocas. Durante esse período de intensa produção artística, instrumentalização e experimentação, as inquietações sobre as funções da arte sempre acompanharam a mim e a outros colegas e, continuamente, nos deparávamos com a velha afirmação de que o teatro não serve para nada. Em alguns momentos, porém, essas inquietações se dissolviam: quando se perdia

completamente o sentido do que se estava fazendo no jogo de cena e tudo era impulso, criação e fluxo; quando, em cena, havia uma conexão muito intensa entre as ações propostas e o texto, proporcionando uma descoberta; quando, numa intervenção, na rua, em contato direto com o público, se dava uma conexão criativa para o jogo, compondo território; quando, após ministrar alguma oficina, escutava as percepções dos participantes; enfim, quando das práticas emergia algo que parecia tornar palpável o impalpável, nos saltavam as exclamações. Perdia-se então a busca de um caráter funcional para o teatro. Na medida em que ele acontece, em que cria registros extracotidianos, em que proporciona ao ator-criador ou ao fruidor-criador um momento de conexão, de possibilidade de expressão, o teatro se mostra capaz de criar territórios, de criar conexões, de mobilizar afetos e sensações, configurando-se assim como um fim em si mesmo.

Nos primeiros meses de 2008, concluí minha formação acadêmica. Ator formado, cabia-me garimpar espaços expressivos, compartilhar da minha vontade de criação e transformação, fazer circular o teatro em espaços possíveis, manter vivo o impulso criador articulando desejo, movimento, imaginação. A busca de um sentido, nesse descaminho de uma arte que se descola de uma instituição de ensino e tateia outros espaços, era o grande desafio. Motivado, então, pela ideia de cursar a Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva na UFRGS (uma das únicas no país com vaga para a área profissional das Artes), iniciei alguns estudos focados na área de saúde pública e saúde mental e me propus a dois estágios: um deles ainda no ano de 2008, na cidade de Santa Maria, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) Prado Veppo, onde observei e participei de atividades em andamento com os usuários do serviço (grupos de caminhada, leitura e alongamento); o outro, no ano de 2009, na Cidade de Porto Alegre, no Serviço Residencial Terapêutico (SRT) Morada São Pedro – anexo ao Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) –, no qual participei de algumas atividades junto a usuários, alunos residentes e cuidadores (rodas de samba, visitas domiciliares, passeios, reuniões de equipe, leituras de prontuários, entrevistas com usuários e trabalhadores, grupos de pintura).

Os serviços elencados – CAPS e SRT – são equipamentos de assistência em saúde mental com uma nova proposta de cuidado, discrepante daquela instituída nos manicômios, interessada em reorientar os modelos de atenção à loucura. A Política Nacional de Saúde

Mental prevê, além da desinstitucionalização, apoiada na construção de novos serviços adequados a uma proposta de Reforma Psiquiátrica, o esvaziamento dos Hospitais Psiquiátricos e a abertura de leitos de internação psiquiátrica em Hospitais Gerais, configurando uma rede de assistência à saúde mental que exclui a possibilidade de internações de longo prazo, ou seja, de apagamento da loucura pelo asilamento. Segundo Fagundes (2006, p.62) os novos serviços de saúde mental “têm de ter a capacidade de contribuir para projetos de vida, isto é, devem compor-se com as invenções da vida e não apenas oferecer perspectivas de destino prefixado”. Para a autora a “criação de projetos de vida é o objetivo das novas estruturas e remete a projetos emancipatórios de todos os participantes”. Os SRT são equipamentos gerados no interior do sistema de saúde que fazem correlação com as áreas da habitação, urbanismo e cultura, tendo em vista o “desasilamento” dos internos da psiquiatria e a reinserção sociocultural e urbana dos pacientes do modelo manicomial.

Por meio da Residência Integrada, educadores físicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e artistas estão convidados a participar de um movimento de construção do cuidado em Saúde Mental. A partir da cidade de Porto Alegre, o mapa traçado são os serviços de referência em Saúde Mental alocados na própria cidade e região metropolitana, reduzidos, neste estudo, ao Hospital Psiquiátrico São Pedro (foco do movimento de desinstitucionalização) e ao Serviço Residencial Terapêutico Morada São Pedro, serviço substitutivo ao regime manicomial, destinado à desmanicomialização de internos do hospício. Esse chamado atesta uma abertura do campo da saúde a produções participativas numa convocação ao pensamento, a um processo de formação (aberto a deformar e transformar), rompendo paradigmas, abrindo caminho a novas orientações “ético-estético-políticas”, no sentido da invenção de práticas e criação de espaços possíveis para o acolhimento das diversidades. O esquema multiprofissional cria um arranjo de trabalho, um núcleo de discussões, de composição heterogênea, agregando diferentes visões, desejos e intervenções singulares. O compromisso é de todos: do coletivo, passando de um núcleo de trabalhadores efetivos, a um núcleo multiprofissional flutuante que se propõe a uma formação em serviço e, logo, aos moradores dos centros urbanos que fazem vizinhança ou que estão na rota de

circulação dos moradores do HPSP e do SRT Morada São Pedro.

Da teoria à prática, deparar-me com a realidade do HPSP, bem como do SRT Morada São Pedro foi uma experiência bastante intensa. Pode-se dizer que ambos encontram-se num meio do caminho em relação ao projeto de desinstitucionalização, qualificação de propostas de produção de vida e de autonomia para seus usuários e aquecimento de uma rede municipal de acolhimento em saúde mental. O HPSP é o primeiro e mais antigo serviço de assistência médico-psiquiátrica do Estado do Rio Grande do Sul, tendo iniciado suas atividades em 1884, terminando por representar o maior asilo de segregação de pessoas incômodas aos valores sociais, morais ou políticos vigentes, ao longo do seu primeiro século de existência. Há diversas dissertações e teses em saúde, educação, história etc. cujas abordagens passam por sua trajetória e desígnios. Fagundes (2006, p.54) relata que, entre as décadas de 1960 e 1980, num princípio de descentralização da Atenção em Saúde Mental, o número de internos no Hospital Psiquiátrico São Pedro passou de 5.000 para 1.400. Entre as mudanças que a autora coloca como necessárias, no campo da Saúde Mental, estão: “inserção da subjetividade, da singularidade, da diversidade e do conflito no cotidiano das instituições e da sociedade”. Fagundes completa afirmando que a proposta “foi a da desinstitucionalização, não apenas da doença e dos doentes, mas dos modos de pensar, de criar, de expressar, de produzir, de agir, de amar e de lutar”.

Como foco principal de minhas aproximações com o SRT Morada São Pedro, ainda no ano de 2009, no período de estágio voluntário, estava a minha possível inserção como oficinairo. Pensava em propor alguma atividade aos usuários (moradores) do SRT, objetivo usual da proposta das artes no campo da Saúde Mental. Pude me inserir no cotidiano deste serviço pelo período de dois meses e fui muito bem acolhido pelos moradores, trabalhadores e estudantes de especialização profissional (residentes<sup>1</sup>) que me permitiram incluir-me e experimentar uma realidade rica e complexa. À medida que comecei a me inserir em algumas atividades propostas aos moradores do residencial fui me deparando com a realidade e os desafios enfrentados por estes nos momentos de socialização uns com

---

<sup>1</sup> Os Programas de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, entre eles os de Saúde Mental, são cursos de pós-graduação *lato sensu* destinados à especialização em área profissional e oferecidos na modalidade em serviço. Por cumprirem jornadas equivalentes à do trabalho, seus estudantes são designados como “residentes”.



os outros e com as trabalhadoras. Quase todos os moradores são egressos do asilamento no HPSP, estão acima dos 50 anos de idade, não possuem qualquer vínculo familiar ativo nem vivência cultural com as transformações sócio-históricas de seus núcleos originais de cidadania (urbanos ou rurais). A complexidade das situações enfrentadas diariamente no Morada São Pedro não cabe em palavras. Faltam, contudo, espaços para atividades nas quais os moradores possam experimentar momentos criativos, produtores de uma subjetividade afirmativa da criação. Esta carência de espaço de criação e transformação atravessa também o cotidiano das trabalhadoras, inseridas num serviço que possui uma missão repleta de complexidades e novas exigências devendo correspondência a um serviço de referência na História do desmantelamento das instituições psiquiátricas.

Iniciar reflexões como trabalhador de teatro, pensando nos atravessamentos das artes no campo da saúde mental, foi um momento de reencontro. Nesse movimento, a realidade do Morada São Pedro fez com que, logo, meu olhar se voltasse para as dificuldades enfrentadas por suas trabalhadoras. A equipe de trabalhadores do SRT (“Residencial”), no ano de 2009, estava integralmente composta por profissionais que, juntamente com os moradores, passaram pelo processo de desmanicomialização, ou seja, no ano de 2001 deslocaram-se do HPSP para o Residencial, passando a trabalhar como referências aos novos moradores da Vila São Pedro. Estes passaram a ocupar 27 casas construídas por um projeto do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Estas moradias foram construídas contíguas ao HPSP, exatamente entre o muro do Hospital e a Vila São Pedro (ocupação urbana que reúne pessoas em condições de vulnerabilidade social e onde há falta de saneamento, verificando-se a ocorrência do comércio de ilícitos e uso de drogas – especialmente o crack), possui acesso por uma boca de lixo em frente ao Hipermercado Bourbon da Av. Ipiranga.

Inserido nessa realidade em construção e carente de referências concretas, o serviço contou com suporte pleno do Governo do Estado apenas durante o primeiro ano do projeto, dada a mudança de gestão, o que, no ano de 2003 em diante, durante 8 anos, relegou ao descuido um espaço que estava ainda buscando forças para se firmar. Neste sentido, este registro de pesquisa vem em momento particular: um momento de retomada de propostas firmadas num movimento de Reforma Psiquiátrica pelo governo do Estado,

numa nova mudança de gestão pela qual, espera-se, a aposta política na qualificação dos serviços de saúde mental seja a ordem do dia. O SRT Morada São Pedro apresenta uma composição profissional heterogênea. Isto porque há profissionais com formações diversas e diversas experiências se cruzam ou detêm o potencial de se cruzarem; são vivências singulares que juntas podem construir diversos domínios de realidade a serem explorados na construção do serviço. Há, contudo, um grande desgaste que permeia o trabalho naquele serviço. Desgaste este semelhante àquele presente em outros inúmeros serviços públicos de saúde.

Motivado pelas carências do serviço em construção, em plena fase de adequação, e movido por pedidos de algumas trabalhadoras, demos início, ainda no ano de 2009, a uma proposta lúdica, afinada com a experimentação da criatividade e da produção de uma subjetividade afirmativa da criação. A produção de subjetividade está diretamente ligada à produção de um coletivo e à produção de vida (produção de saúde como invenção da vida e gestão dos desejos tanto dos profissionais quanto dos usuários). A presença de um profissional do teatro gerou um interesse por parte da equipe de cuidadoras que acolheu a proposta de compor um espaço diferenciado de encontro. Ainda no período de estágio no Morada São Pedro, comecei a me questionar se seria possível manter esse contato com o serviço e desenvolver uma pesquisa-intervenção. Começava a tomar corpo o interesse por estudar a experiência. Na busca por programas e linhas de pesquisa em que fosse pertinente inserir meu “projeto”, cheguei ao nome do Professor Ricardo Burg Ceccim, que vinha a ser o coordenador da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental para a qual eu já tentara uma vaga. Assim, tive a felicidade de ingressar no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS para desenvolver um trabalho que situa o teatro entre os campos da saúde e da educação.

O teatro, aqui, insere-se como uma prática pessoal, sempre prenhe de novas descobertas, aberta aos agenciamentos, construções coletivas, experimentação, invenção. O campo da saúde emerge como um campo possível para a prática teatral, dada a rica relação já estabelecida entre arte e saúde, especialmente a saúde mental, haja vista a inserção de práticas artísticas nos espaços institucionais de reclusão da loucura e a atual abertura dos novos serviços de saúde mental às práticas artísticas pelo viés da formação para o trabalho

no SUS. As reflexões acerca da educação partem da intervenção artística num espaço de trabalho em saúde, da descoberta de suas potências nesse espaço, na composição de territórios de cuidado e têm a direção da transgressão como aporte à experimentação do novo – estar aberto a descobertas e novas aprendizagens no encontro com a loucura. Minha vontade de desenvolver este projeto no âmbito do Serviço Residencial Terapêutico Morada São Pedro foi motivada por acreditar no teatro como produtor de subjetividade, produtor de vida, como prática educativa.

A construção do objeto dá-se no caminho de encontros e descobertas sempre em construção, nunca estanques, mas fluidas, pelas quais o objeto – o cuidado em saúde mental – se mostra a um olhar despreparado, que não procura prever os resultados de tais encontros, mas estar aberto ao inesperado. Dada a complexidade do objeto, fazem-se necessárias movimentações “cartográficas” que acolham as multiplicidades que o compõem, ou melhor, que elejam aspectos dessa multiplicidade e que componham o objeto também por meio da sensibilidade do olhar do pesquisador e de seus trânsitos no contato com este, inventando-o, compondo-o, transformando-o, atribuindo-lhe novas significações na experimentação de uma perspectiva singular. Na prática, houve uma busca por estabelecer uma frequência de encontros teatrais com participação do maior número possível de cuidadoras do SRT Morada São Pedro, no intuito de criar coletivamente um espaço lúdico pelo uso de jogos, construindo em grupo uma noção de prática teatral na expectativa de que, a partir desse espaço diferenciado de encontro, fossem percebidas rupturas, agenciamentos e transformações no cotidiano do serviço.

A escrita que aqui se inicia está composta por reflexões acerca dos processos de exclusão e pertencimento, fazendo algumas aproximações sobre as construções sociais que privilegiam o padrão em detrimento da diferença acabando por produzir estranhos que, no que tange à loucura, têm um local de exclusão marcado por uma trajetória de alheamento da sociedade, endossada por uma racionalidade médica que sustenta um discurso de restauração de um suposto normal. Logo, passo a discorrer acerca das novas direções dadas a uma cultura da saúde que passa por transformações ancoradas em políticas públicas que, em tratando de lançar um olhar ao indivíduo e seus processos de vida em lugar de olhar apenas para a doença e incidir sobre ela, ressignifica o cuidado e, aqui, busca também

ressignificar a loucura. Em seguida, a noção de “território”, na perspectiva de Deleuze e Guattari (fonte), é desenvolvida na tentativa de elucidar algumas potências da arte e de construir uma noção dimensional do corpo; algumas aproximações com as infâncias fazem parte dessa teorização, na busca de um aprendizado próprio das afecções por um devir-criança no cuidado, disparado pelas reflexões de Ceccim e Palombini (fonte). Visito brevemente a noção de “diferença-em-nós”, proposta por Suely Rolnik (fonte), na tentativa de compreender alguns entraves nos fluxos dos processos de subjetivação/transformação dos indivíduos. Por fim, discorro sobre o teatro e o jogo, suas potências e algumas aproximações com os espaços de produção de saúde e com a educação. Quanto à arte, ao teatro, a compreensão e os cruzamentos teóricos, parto das práticas desenvolvidas ao lado e no lugar do cuidado, nas quais o artista se coloca como colaborador nas demandas do serviço e propositor de ação, buscando desvios nos trânsitos instituídos.

No desenvolvimento de uma teorização que dê conta de construir uma reflexão densa acerca da prática proposta, alguns platôs se efetuam e direcionaram-me o olhar. São eles: a noção de território como ato, acerca do qual discorrem Deleuze e Guattari (fonte), e as noções de corpo de subjetivação e corpo de acontecimento, desenvolvidas a partir do contato também com reflexões destes autores, que contribuem para a noção de corpo não como uma composição meramente estrutural, mas dimensional. Dentre as questões que orientam essas reflexões, não como perguntas de pesquisa, mas planos de imanência, desde onde elas se impõem, estão: como aceitar e acolher a diferença-em-nós e a alteridade (os “estranhamentos”)? Como instigar em nós esse valor da diferença e chegar a precisar dela, a almejá-la, a inventá-la? Como cultivar em nossos processos e vivências esse caráter de experiência e de criação? Nas arregimentações e composições de grupo, como lidar com essas forças e potencializá-las? Como conectar com essas potências transformadoras, criando um território de pertencimento em ato, não excludente, mas realmente agenciador de possíveis? Para além de valores instituídos de acordo com a moral que os atravessa, como contatar com esse campo de criação, como dar vazão aos processos de “reterritorialização”?

O texto que aqui se inicia é fruto de uma experiência, de um chamado que me fez sentir participante destes espaços, compô-los, emprestando meu desejo de transformação de

instituídos, latente nas práticas artísticas e criadoras que me atravessam. Hoje me sei transformado por uma vivência que desafia a continuar deformando, pensando e desconhecendo sempre. Desconhecer, neste caso, faz parte de um processo de invenção de práticas e implicação com saberes ativos, imbricados com a vida e não escravizados por metodologias estruturantes.

As aproximações de práticas artísticas nesse momento de construção de novos modelos, ou simplesmente na concretização de novas propostas de cuidado e de olhar sobre a loucura, são potentes em desvelar muito das nossas dificuldades de abandonar modelos instituídos, de olhar de maneira diferente a aspectos humanos que parecem já bastante afirmados, e têm, a meu ver, a potência de contribuir em ressignificações. No intuito de criar/compor um percurso teórico, busquei luz em autores diversos dos quais, neste universo, procuro cruzar fragmentos numa tentativa de significar e pelos quais busco transitar num movimento livre, mesmo antevendo os círculos viciosos no encadeamento dos signos, vícios da língua, logo, das teorias. A fim de dar conta da conversa que pretendo iniciar, lanço-me, alternadamente, às reflexões acima descritas e aos passeios através dos espelhos, num esforço ensaístico. Este processo de escrita tem por objetivo dar conta de dimensionar a potência da arte na composição de territórios de cuidado em saúde mental.

## **SEGREGAÇÃO E ALTERIDADE**

Na medida em que seres vivos se afastam do tipo específico, serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica, ou serão inventores a caminho de novas formas? Conforme sejamos fixistas ou transformistas, consideraremos de modo diferente um ser vivo portador de um caráter novo.

Georges Canguilhem (2009, p.55)

Que arte e loucura estejam em estreita relação em algumas dimensões da vida humana, não é exatamente uma novidade, haja vista que a figura do louco e do artista, em muitos casos, está em estreita relação, chegando mesmo a coincidir. Há ainda outro reconhecimento que coloca essas figuras lado a lado; este diz respeito a um caráter de incompreensão muitas vezes gerado pelo impacto das formas de expressão de ambos. Ao lado de alguns artistas e dos loucos, muitos pensadores foram também incompreendidos ou marginalizados por atingirem uma liberdade de pensar que levou a uma produção intelectual que acumulou distância daquela de sua época.

Se nos propusermos a pensar sobre os porquês desses estranhamentos, poderemos concluir que o fato de alguns comportamentos diferirem daqueles esperados, gera – quase sempre – desconforto e mesmo rejeição. Se não há acolhimento às manifestações da diferença, tampouco há liberdade para a sua emergência, menos ainda para os efeitos de (re)invenção de sentidos e de descoberta de outras dimensões e potências da vida. Os lugares tidos como comuns na produção de uma cultura são geralmente aqueles onde os indivíduos, em alguma medida, sentem-se confortáveis, aqueles pelos quais o trânsito se estabelece com familiaridade. Pensando com Rolnik, percebemos o ser humano como um ser condicionado a formas de estar no mundo, de se expressar, de pensar. Instaura-se uma tendência ao afastamento daquilo que estranhamos e que, num primeiro momento, nos desestabiliza. Além disto, tendemos a ignorar ou “engavetar” muitos processos de desestabilização que poderiam ser potentes em transformações no andar a vida; estamos inclinados a negar/rejeitar as diferenças que se produzem em nós por preferirmos o caminho seguro com o qual estamos habituados, com o qual nos identificamos e nos identificam, estreitando nossos horizontes pessoais na manutenção de uma constância, de uma identidade (imóvel, inscrita no discurso da essência, de uma natureza interior pré-dada, anterior a nós mesmos), o que configura certa rigidez nos processos de subjetivação.

Artaud, homem de teatro, é o nome que quero aqui elencar como figura incompreendida. Autor de diversos escritos e manifestos que procuram desarticular a arte teatral e reconfigurar o humano em suas formas de expressão e criação, este artista-pensador é um entre tantos exemplos de uma expressão de caráter desestabilizador que ganha status de anormalidade e enquadramento arquetípico na figura do louco. Em instâncias subjetivas, para além de aproximar estas figuras que tendem a desconfigurar o que queremos chamar de humano, ou ainda os indivíduos que queremos elencar como excluídos por tais ou quais aspectos – mesmo pela loucura – devemos prestar acolhimento às singularidades, às idiossincrasias, num movimento de aproximação que derrube a imagem mítica e carregada de marcas que o discurso – o psiquiátrico ou qualquer outro – ou o senso comum se esforçam em emoldurar e fixar.

Na produção de cultura das sociedades – ato vivo – é comum que se dê a produção de estranhos. Bauman (1998, p.27) é categórico sobre o tema ao dizer que “todas as sociedades produzem estranhos”, mas que, entretanto, “cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável”. Para o autor, “se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses, dois deles ou todos três”, sua simples presença deixa “turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação”. A produção de estranhos nas sociedades, como bem coloca Bauman, constitui uma prática que transpassa tempo e espaço, e concretiza-se de formas diversas nas mais diversas culturas, o que lhe garante um padrão de repetição na presença, mas também de singularidade na maneira de se consolidar ou efetivar. Ao apontarmos para microesferas sociais, ambientes de encontro e convivência constante de grupos humanos, como famílias, diversos locais de trabalho, escolas, universidades, prédios, condomínios e bairros, além de todo o aparato institucional pelo qual estamos cercados, podemos perceber que há processos de produção de estranhos por haver também nesses núcleos um desejo de ordem, comum aos agrupamentos humanos, que passa por identificações geradoras de sensações de pertencimento e de exclusão, exercício da alteridade e segregação.

Louco, artista e pensador não estão sós. As figuras causadoras de desestabilizações, numa análise macrossocial das relações – numa esfera nacional, regional ou mesmo em um centro



urbano – são inúmeras. Estranhos na constante distinção da forma ideada. Estranhos por sua condição de mendicância no mundo do Capital. Estranhos por sua sexualidade desviante comportamentalmente expressa. Estranhos pelo registro da distinção em algum aspecto da composição física. Estranhos por limitações de capacidade intelectual ou motora. Enfim, disparadores de estranhamento por sua forma de ser, de se relacionar e de se expressar.

Os processos de exclusão marcam muitas das experiências possíveis àqueles associados a estas “estranhezas”. Os processos de inclusão também os marcam. Os guetos se configuram em diversos formatos, em espaços de encontro, em espaços de trânsito (itinerários), em espaços de reclusão.

## **LOUCURA, EDUCAÇÃO E SAÚDE**

No trato com a loucura, a sociedade ocidental efetivou um longo movimento. Os espaços de reclusão, destinados ao tratamento e à cura dos transtornos de ordem mental perduram ao longo de séculos na manutenção da ordem e do apagamento de certas expressões, em conformidade com um discurso da saúde estreitamente vinculado a uma terapêutica voltada ao restabelecimento padrão das funções orgânicas, à medicalização e à correção, segundo a imposição de normatividades à vida ou ao vivo. Os hospitais psiquiátricos, manicômios e asilos foram, ao longo de séculos, locais onde a loucura foi despejada. Tornaram-se aglomerados de pessoas cambaleantes, guetos, ambientes de desautorização de indivíduos expostos aos mais diversos, experimentais e inovadores medicamentos e métodos de contenção/tratamento, sujeitando pessoas a condições de existência bastante precárias. Em sua discussão acerca do normal e do patológico, Canguilhem (2009, p.10) nos oferece reflexões acerca de alguns pilares sobre os quais a racionalidade médica se consolidou. Afirma que “aplicando à medicina um espírito”, chamado por gosto, de “sem preconceitos”, parece que, “apesar de tantos esforços louváveis para introduzir métodos de racionalização científica, o essencial dessa ciência ainda era a clínica e a terapêutica”.

Segundo o autor, “uma técnica de instauração e de restauração do normal, que não pode ser inteiramente reduzida ao simples conhecimento”.

Em sua pesquisa sobre a construção do Hospital Psiquiátrico São Pedro, a historiadora Yonissa Wadi (2002, p.21) afirma que “mais que um instrumento terapêutico, os manicômios e hospícios se afirmaram como instrumentos de pura exclusão, uma exclusão física que deu concretude à exclusão simbólica do universo da cidadania”. Numa distorção do movimento isolacionista, o discurso médico dos porquês da construção de um Hospital Psiquiátrico, no caso específico de Porto Alegre, passa por justificativas relacionadas ao bem-estar, repouso, construção de ambiente adequado ao tratamento e cura dos alienados que inchavam os quartos e porões da Santa Casa de Misericórdia e algumas celas da Cadeia Pública, ainda no séc. XIX. Há vasto registro e diversos estudos que abarcam esse histórico e seus cruzamentos teóricos a fim de dar conta desse percurso de estruturação e legitimação de uma dada racionalidade médica e seu discurso, bem como do surgimento e proliferação de uma cultura manicomial. Hoje, passamos por uma transformação que almejo incessante. Incessante como devem ser todos os processos de vida, um incessante que é próprio da constância da transformação de tudo quanto cresce a nossa volta, do ar que nos afaga e se desloca, da luz que altera a percepção das cores ao passar de um segundo ou de uma nuvem, de tudo o que pulsa em nós, de tudo aquilo que nos toca e nos modifica.

Nessa construção de lógicas “outras”, se inserem propostas para a atenção aos indivíduos acometidos de transtornos psíquicos, os ditos loucos. Dentre os serviços da rede substitutiva ao modelo manicomial estão os Serviços Residenciais Terapêuticos, constituídos para o acolhimento e engendramento coletivo de projetos de vida para egressos das instituições manicomiais, pessoas que sofreram longo período de segregação asilar. No pensamento de Ceccim (2007, p.361), algumas demandas para dar cabo às transformações necessárias nos processos de trabalho de coletivos de saúde são: “conduzir as aprendizagens, construir o conhecimento, compartilhar experiências de problematização, organizar práticas educativas, compor coletivos de aprendizagem/círculos de cultura, produzir o desenvolvimento por desafios sociointeracionistas, fazer emergir novos saberes e fazeres pela exploração problematizadora dos saberes e fazeres vigentes,

entre outros processos próprios das relações de ensino-aprendizagem”. É neste sentido que o campo da saúde passa hoje por uma reorientação poético-filosófica que faz seu caminho com a educação. Ao lado da crítica aos modelos de produção e formação em saúde e consequente proposição de outros modos de compreendê-la, ensiná-la, experimentá-la, há movimentos de transformação do pensamento-ação, apontando para a criação de serviços de saúde que estejam de acordo com as demandas de seus usuários, alicerçados por propostas de educação permanente em saúde que visam qualificar os profissionais no agir e pensar sobre o cuidado e sobre a construção dos serviços.

No Rio Grande do Sul, o mais antigo hospital psiquiátrico data dos anos 1800. Com modelo manicomial, este hospital registrou uma história de internação de pacientes sob o modelo da segregação asilar que, somente no ano de 2000 teve desencadeado o processo de desmanicomialização e de tomada de medidas relevantes à reinserção social (processo ainda em andamento). O SRT Morada São Pedro foi instalado ao lado do HPSP com uma estrutura de 27 casas, cada uma para até quatro moradores, no intuito de garantir acompanhamento terapêutico por profissionais de referência, cuidadores responsáveis pelo apoio aos moradores (gestão do cuidado cotidiano em uma perspectiva ampliada). O cuidado em saúde deve surgir, neste espaço, buscando incidir sobre o indivíduo e seus modos de andar a vida. O entendimento é de que é a vida que adocece e não alguma estrutura anatomofisiológica. Este é um indicativo de uma mudança de paradigma, de uma tentativa de afastamento de uma dicotomia entre saúde e doença – vinculada a um entendimento de restauração de estados predefinidos de normalidade – em favor de um entendimento mais amplo dos processos de vida humanos. A nova exigência é de uma “educação da cidade”, geração de artefatos educativos para uma cultura das singularizações, cidades, cidadanias, linhas de devir ao humano, não a forma ideada das “culturas educadas”.

Uma das apostas firmadas pelas Políticas Públicas de Saúde é o compromisso com a educação. Como exemplo, a educação permanente em saúde, numa proposta de qualificação dos profissionais do quadro fixo dos diversos serviços públicos de saúde e ainda a formação em serviço, como nas residências integradas multiprofissionais em saúde, com foco em práticas propositivas e inovadoras. A primeira visa o movimento ininterrupto de

pensamento-ação na constituição dos serviços de saúde. Já a segunda convida, no caso da Saúde Mental, educadores físicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e artistas a emprestem novos olhares, criarem novas práticas e a inventarem novos discursos sobre a loucura, reconfigurando instituídos. Para além dos processos excludentes que marcam um apagamento de expressões dissonantes, a tarefa agora é acolher essas diferenças marcadas num discurso sobre a loucura, ou ainda num discurso fragmentário de enquadramentos patológicos. Atentar às singularidades em seus registros de multiplicidade significa dar a mão e olhar de frente a cada um desses indivíduos que emergem de um longo processo de contenção, medicalização, aprisionamento e limitação das capacidades expressivas e desejantes.

Segundo Ceccim (2007, p.359) o trabalhador que se exclui do que ele chama “acoplamento de alteridade” não contribui “para o fortalecimento da autonomia daquele de quem cuida”, o que equivaleria dizer “não exerce efetivo cuidado, uma vez que o cuidado deveria infundir autocriação, capacidade de interagir consigo mesmo, conhecer-se mais e pôr-se em produção de si”. Esta afirmação está posta na lógica da produção de um trabalho vivo em saúde, como propõe Merhy (2002).

**POTÊNCIAS DA ARTE: O TERRITÓRIO COMO ATO**

Quando não encontrava aquilo de que precisava, tive de procurá-lo para mim próprio com engenhosidade, falsificando-o devidamente, inventando-o devidamente (e que outra coisa jamais fizeram os poetas? E para que serviria toda a arte desse mundo?).

Friedrich Nietzsche (2007, p.20).

Tomando os indivíduos como produção cultural, como resultado de suas relações e trânsitos, inscritos em registros múltiplos de “identidades-eu” e “identidades-nós”, como bem explicita Norbert Elias (1994), podemos inseri-los em registros formalizados e nos questionarmos sobre o que é a relação entre indivíduo e sociedade. As formas a que se está, a priori, sujeitado refletem as regularidades sociais percebidas nas e provenientes das relações de interdependência que constituem o indivíduo. Elias faz digressões acerca das diversas sociedades e indivíduos que as compõem, criando linhas no tempo e no espaço, tanto no desenvolvimento das sociedades quanto no desenvolvimento do próprio indivíduo (tendo sociedade e indivíduo como indissociáveis). Ao abordar o indivíduo e o seu desenvolvimento a partir das relações de dependência ao longo da vida, o autor remete à infância: “as imagens instintivas que evoluem lentamente na criança recém-nascida, nunca constituem uma simples cópia do que lhe é feito pelos outros”. As imagens instintivas “são sua resposta à maneira como seus instintos e afetos, que por natureza se orientam para outras pessoas, são correspondidos e satisfeitos por esses outros”. Para Elias, independentemente de que cada pessoa seja “uma entidade completa em si mesma”, não será menos certo que “toda estrutura de seu autocontrole, consciente e inconsciente, constitui um produto reticular formado numa interação contínua de relacionamentos com outras pessoas, e que a forma individual do adulto é uma forma específica de cada sociedade” (1994, p.32).

Aqui, apesar de o autor falar em idiosincrasias do indivíduo, ele resgata essa regularidade da forma específica individual adulta, descreve também uma regularidade nos processos de trocas e na função de dependência ao longo do desenvolvimento individual. São inúmeras, porém, as possibilidades de ser e de estar no mundo, de se relacionar com outros indivíduos e de articular o andar a vida. Os registros da infância são potencialmente da ordem do possível. Apesar do caráter imitativo presente em seu desenvolvimento, a criança é, em potencial e em proporções muito elevadas, uma experimentadora, uma criadora de

universos; usurpadora de formas, inventora de outras tantas, na medida em que as usa e as desarticula. Na medida em que brinca e joga, a criança transforma o mundo a sua volta e transforma a si mesma. Como adultos, estamos cada vez menos inclinados a experimentações, a processos de desarticulação e de produção do real, ligados, cada vez mais, a uma vivência formalizada.

Para Linz e Luz (1998, p.195), “sem a experiência ilusória do brincar, que é originalmente atividade improdutiva, sem forma nem objetivo, não há mais realidade, história e narrativa”. Os autores dizem que, assim, anuncia-se “a era da simulação total, a era do fim da história e do fim das narrativas”. Conforme Lins e Luz, “a atual realidade da vida cotidiana, aquela mesma que produz e consome informação e lazer em escala de massa, conta histórias por nós. Somos contados através dela”. Concluem que “há uma industrialização da fábula – que nos silencia” e, por isso, devemos responder com “uma ativa ficção contraproducente”. Não apenas acolher as formas do mundo, mas dar-lhe forma, esta é a potência da arte, da experiência estética. Na gênese de devires, na lógica dos acontecimentos, é que está ancorado o sentido da experiência. As moldagens que nos dão ilusão de uma essência imutável, interior, anterior a nós mesmos, vão de encontro a essa perspectiva outra de uma experiência de liberdade, espontaneidade, diferença, força de invenção e ruptura. Segundo Elias (1994, p.104), “adaptações a funções adultas revelam tensões e cisões de personalidade e há divergências entre comportamento da criança e dos adultos que se configura no contraste entre espontaneidade e atitudes que são exigidas na fase adulta”.

Atentar à infância, aqui, faz parte de um movimento de aprendizado. Às crianças é atribuída a condição de aprendizes. Nada mais natural. É, porém, no esforço contrário que quero me ater: no que podemos aprender das relações da criança com o mundo, em suas ações, em sua curiosidade, criatividade e capacidade de invenção, em nossos registros de infância, na experimentação de um devir-criança. Nossas conexões com o mundo e a capacidade de experimentá-lo ou ainda experimentarmo-nos, criá-lo e criarmo-nos tem tendência a perder força e potência na fase adulta. Com isto, estamos inclinados à repetição em detrimento da diferença, à reprodução e à conformação em detrimento da experimentação. O caminho de experiências estéticas, do viver não regulado em seu caráter

contemplativo-ativo, vai constituir-se a partir de implicações com o momento presente; tomados pelo aqui-e-gora, distraídos e despertos, num movimento que nos arranca do plano ordenado e seguro e que nos desorganiza para em seguida nos reorganizar, estabelecendo novas conexões com o real. Deleuze e Guattari (1997, p.105) falam em “territorialização”, referindo-se ao território como ato. Segundo os autores, “o território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os territorializa. O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos”. Para Deleuze e Guattari, há território, precisamente, “a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos”. A partir do momento em que há expressividade do ritmo, há território, sendo “a emergência de matérias de expressão (qualidades) o que vai definir o território”.

O território, portanto, não é visto aqui como mero local de trânsito (ambiente), mas como uma composição de forças, de ação, de expressão. O que define o território não é seu caráter meramente físico, estrutural, mas o que dele e nele emerge como expressão, o que nele se compõe como ritmo. Para Deleuze e Guattari (1997, p.100), “uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando”. Exemplificam que “ela anda, ela pára, ao sabor de sua canção”, comentando que “perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha”. A canção seria como “o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos”, podendo acontecer que “a criança salte ao mesmo tempo que canta”, que acelere ou diminua seu passo, “mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante”.

A concretização da experiência estética e a composição do território como ato (ato de subjetivação individual e/ou coletiva) estão completamente vinculadas. No escuro, a canção, os saltos e seu experimentar da subjetividade criam o território de pertencimento à criança. Não é a função de seu ato que configura o lugar de trânsito, mas sim o que dele emerge, o que nele se transforma fazendo emergir um caráter dimensional a que Deleuze e Guattari (1997, p.107) se referem. Os autores interrogam-nos se “podemos chamar de Arte esse devir, essa emergência”, assumindo que “o território seria o efeito da arte”. Para



os autores, “o expressivo é primeiro em relação ao possessivo, as qualidades expressivas ou matérias de expressão são forçosamente apropriativas, e constituem um ter mais profundo que o ser”, alertando que “não no sentido em que essas qualidades pertenceriam a um sujeito, mas no sentido em que elas desenham um território que pertencerá ao sujeito que as traz consigo ou que as produz”.

Dentre as potências da arte está, portanto, o caráter expressivo que compõe territórios de pertencimento ao indivíduo que se expressa. O mesmo caráter expressivo é puro potencial dos territórios da infância. O jogo e o brincar estão diretamente ligados a essa experiência de liberdade, a um contato diferenciado mesmo com os limites do tempo, numa permissão de fluxos, de experimentação do mundo.

#### **AFECCÕES E CORPO: VIAS DA SUBJETIVAÇÃO**

Segundo Nietzsche (2007, p.20), a vida “não é uma invenção da moral: ela quer ilusão, ela vive da ilusão”. Apesar disto, somos atravessados por algo externo a nós, incorporado às nossas ações e pensamentos, por um passado que nos alcança presente em suas construções, que se prolongam nas formas de existir, habitar, coabitar e em produzir e reproduzir o mundo. O valor da diferença é negado em nosso rechaço aos que nos causam estranheza e também na contenção da diferença que se produz em nós mesmos. As diferenças, em lugar de produzirem e potencializarem outras diferenças, isto é, estabelecerem a potência de diferirmos de nós mesmos, produzem mal-estar.

Suely Rolnik (1995, p.2) fala do ser humano em constante produção de diferença, num caráter ilimitado. De um lado, composto também por uma finitude de modos de subjetivação (cristalizações provisórias da “forma homem”). A autora diz que “as diferenças adensam-se como nuvens negras”, escurecendo o mundo subjetivo que levamos. Para ela, o acúmulo progressivo de nuvens negras anunciaria o relâmpago do acontecimento, “a passagem do transumano (plano virtual, constituído pelos problemas gerados pelas

diferenças em suas aglutinações) para o humano (plano atual, constituído pelos modos de existência criados como resolução para os problemas colocados no virtual)”. A escuta das diferenças produzidas em nós, esse salto de abertura ao transumano, essa permissão de fluxos, pode ser um momento de desconhecimento (conhecimento intensivo) no qual alteramos os contornos de nossos corpos, nos quais estas mesmas diferenças irão constituir subjetividades. O mal-estar produzido no salto, na turbulência do transumano, segundo Rolnik, é combatido por meio do rechaço dessas diferenças, o que acarreta “um desvigor do processo de construção experimental da existência”. Aqui, vemos uma tendência natural a rupturas em nossos modos de subjetivação, tendência desestabilizadora e não conforme ao nosso desejo de coerência e constância em nosso modo de ser.

O tempo se impõe a nós como um cálculo de passados e futuros. A moral, nesses processos temporais, permanece erguida em seu caráter de conservação. Como aceitar e acolher a diferença-em-nós e a aceitação da alteridade (os “estranhos”)? Como instigar em nós esse valor da diferença e chegar a precisar dela, a almejá-la, a inventá-la? Como cultivar em nossos processos e vivências esse caráter de experiência e de criação? Se acolher a diferença-em-nós já parece um caminho bastante difícil, pontuado por estranhamentos e mal-estar, a abertura à alteridade é um processo de vivência do desassossego que passa também pela aceitação das marcas do outro-em-nós, por seu poder de nos afetar, por uma lógica de afecções. A fixação em uma imagem própria bem definida, em uma identidade inabalável, é fruto de constrangimentos aos quais não só nos habituamos a ceder, mas também nos habituamos, com naturalidade, a impor aos outros. Pensar e agir num fluxo de contraprodução desses procedimentos de constrangimento é próprio de uma vontade de liberdade, de encontro de possíveis.

Os encontros com a arte, com os processos criativos, bem como a arte nos encontros, quando a ela temos acesso, são produtores de forças ativas, são constituintes – em ato – de territórios de expressão, propulsores de modos de subjetivação. Há pouco tratávamos das forças instituidoras de processos de subjetivação, pois no quê a arte se aproxima delas? O que a arte faz em nós tomar corpo, quando nos afeta, sejamos criadores ou fruidores/criadores, é exatamente esse potencial de transformação, esse potencial de instauração de territórios outros. Ela é potente em nos desestabilizar para logo nos

encontrarmos com um centro estável. O que ela instaura é o próprio acontecimento, momento de passagem e apreensão; em devir, entramos em conexão com o desconhecido que passará a nos compor.

O corpo, como queremos entendê-lo aqui, não é apenas essa forma com que nosso olhar o apreende e o que ele contém. O corpo tem um caráter dimensional. Quando tratamos da composição de territórios em ato, nessa composição está inscrito o corpo: um corpo de caráter dimensional, um corpo imantado, expansivo na composição de zonas de pertencimento – um corpo-mente-afecção-devir. Na lógica das afecções, ou seja, em nossos trânsitos e contatos com forças externas, sejam elas provenientes de um ambiente, de uma canção que ouvimos, do contato com um único indivíduo, não é possível fazer previsões. Nossos trânsitos são múltiplos, nossas relações nunca são tão seletivas ou tão expandidas quanto desejamos, o que nos limita apenas ao inesperado. Disto resulta uma relação de diferenças potenciais sempre em composição. É ilusória a ideia de que mesmo num ambiente mais restrito, pode-se ter controle dessa relação de forças. Há pouco falávamos da dificuldade em lidar com o desassossego produzido por nossas redes de encontro, nossas afecções pelo outro, no exercício da alteridade. Nas arregimentações e composições de grupo, como lidar com essas forças e potencializá-las? Como conectar com essas potências transformadoras, criando um território de pertencimento em ato, não excludente, mas realmente agenciador de possíveis?

Para além de valores instituídos, de acordo com a moral que os atravessa, como contatar com esse campo de criação, como dar vazão ao “encontro de possíveis”, aos processos de territorialização? As rupturas necessárias a uma instauração de territórios (sempre em fluxo) passa, a meu ver, pela criação de valores simbólicos comuns. A palavra de ordem nunca fez mais do que estancar fluxos e estruturar processos. Um agenciamento coletivo deve partir de potências desse coletivo e o encontro com espaços criativos e inventivos, em seu potencial transformador, pode dar conta da construção desses valores comuns, dada a sua potencialidade em disparar processos coletivos de subjetivação.

## **CRUZAMENTOS ENTRE TEATRO, SAÚDE E EDUCAÇÃO**

Digo que essa linguagem concreta, destinada aos sentidos e independente da palavra, deve satisfazer antes de tudo aos sentidos, que há uma poesia para os sentidos assim como há uma poesia para a linguagem e que a linguagem física e concreta à qual me refiro só é verdadeiramente teatral na medida em que os pensamentos que expressa escapam à linguagem articulada.

Antonin Artaud (1993, p.36)

Como a educação em saúde atinge hoje um alto grau reflexivo sobre seus processos, relacionando o conhecimento em construção com ações desenvolvidas ao longo de uma formação, entendida como permanente e continuada, atenta às necessidades reais dos usuários dos serviços públicos de saúde e implicada na contínua ressignificação e entendimento dos processos humanos, seu papel seria também despertar nos trabalhadores uma “atitude criadora” e estimular a “capacidade de inventar e transformar”. Há diversas maneiras de se explorar essas capacidades. O eixo de educação em saúde, no que tange as questões aqui abordadas, contempla, em seu plano de ação, uma formação que conta com a aproximação de um núcleo profissional ampliado, que dê conta de ações-pensamento num agregar de visões díspares, múltiplas, numa construção coletiva que acolhe as dissonâncias no ver-dizer do cotidiano nos serviços de saúde. É uma aposta ousada, no caminho da produção de sentidos outros que, partindo do enfrentamento da realidade e do estímulo à criação de novas práticas, venha agregar valores na escala de pensamento-ação em saúde.

O teatro, convidado a fazer parte da roda, a emprestar seu olhar, sua capacidade de invenção, seu potencial de experimentação, de conexão e expansão, numa apropriação expressiva do real, encontra aqui seu campo relacional. Como estando ancorado num eixo de educação, amplia seus núcleos de ação numa perspectiva de contágio e acolhimento, aberto aos atravessamentos de um núcleo multiprofissional. Fagundes (2006, p. 11), em seu encontro com uma “pedagogia da implicação”, entende as ações de formação como “agregadoras de coletivos, disparadoras de desejo e ativadoras de processos de mudança, mobilizando atos e estratégias no interesse do acolhimento de pessoas em projetos de vida e de presente, da democracia, da cidadania, da autoria”. Propondo, com isto, a “intercessão da educação para as políticas públicas de saúde, em especial, de saúde mental”. Neste

momento, é o eixo formativo um importante disparador de relações em produção entre o teatro, a educação e a saúde. Em um convite à coletivização, à divisão de espaços e ao borrimento de fronteiras entre as profissões convocadas a pactuar um campo de atuação ampliado, como na perspectiva de um trabalho entredisciplinar (Ceccim, 2006).

Ceccim e Palombini (2009, p.9), ao abordarem questões referentes ao cuidado e ao devir-criança, afirmam que a produção de cuidado passa por uma abertura à alteridade, que implica um processo de exposição, de abertura ao outro, um deixar-se afetar pelo outro. Numa proposta de educação para o cuidado, remetem a um devir-criança com potencial cuidador, exatamente por esse potencial de experimentar, de comungar, de criar novas formas. Os autores colocam que “a criança, em sua condição de vulnerabilidade e sensibilidade, deixa-se afetar pelo outro”, assim, “um devir-criança em nós assegura-nos essa escuta ética do e pelo outro nas situações que envolvem cuidado e educação em ato”. Não teriam o teatro e o jogo teatral em seu caráter de ludicidade, invenção e experimentação da liberdade, essa capacidade de despertar um devir-criança capaz de instaurar, agenciar, ressignificar processos de cuidado?

Ainda na perspectiva da “pedagogia da implicação”, Fagundes (2006, p.60) coloca a Saúde Mental Coletiva como “processo construtor de sujeitos sociais desencadeadores de transformações nos modos de pensar, sentir, fazer política, ciência e gestão no cotidiano das estruturas de mediação da sociedade”. Para a autora, esse processo viria “extinguindo e substituindo as práticas tradicionais por outras capazes de contribuir para a criação de projetos de vida”. A pactuação é que os atravessamentos dos sujeitos em formação, ou as construções advindas dessa formação, sejam potentes em transformações substanciais. Portanto, há que se investir na escuta e no acolhimento das produções destes sujeitos em formação. Ao beber nas águas de uma “pedagogia da implicação” (Fagundes, 2006) e na proposição de um “quadrilátero da formação” em saúde (Ceccim, Feuerwerker, fonte) há a constatação de que “a formação dos profissionais de saúde tem permanecido alheia à organização da gestão setorial e ao debate crítico sobre os sistemas de estruturação do cuidado, mostrando-se absolutamente impermeável ao controle social sobre o setor, fundante do modelo oficial de saúde brasileiro” (Ceccim, Feuerwerker, ano, p.42). A missão a que nos propomos, não só artistas, mas a composição deste quadro profissional ampliado,

é uma missão de tensionamentos leves, de busca de brechas e respiros que possam erigir trocas fundantes, na busca da abertura a transformações, na possibilidade de empoderamento de agentes de transformação com atravessamento em todos os setores (gestão, atenção, formação, controle social).

Nesse sentido, uma das perspectivas em que o teatro pode se inscrever e que acompanha algumas práticas tateadas do teatro no campo da saúde é o apoio matricial. “O apoiador matricial é um especialista que tem um núcleo de conhecimento e um perfil distinto daquele dos profissionais de referência, mas que pode agregar recursos de saber e mesmo contribuir com intervenções que aumentem a capacidade de resolver problemas de saúde da equipe primariamente responsável pelo caso” (Campos, Domitti, 2007, p.401). Nas conexões de que os campos do teatro, da saúde e da educação estão prenhes, estão já bastante elaboradas as aproximações entre teatro e educação e entre saúde e educação. As conexões entre teatro e saúde, como as demais, em constante produção em atravessamentos teóricos e na composição de territórios, na afirmação de novas práticas, dizem respeito ao informe, ao encontro de possíveis, possuindo já algum respaldo, especialmente se pensadas numa perspectiva ampliada de saúde.

O teatro, num núcleo de produção de saúde que o acolha e dê corpo a suas possibilidades, poderá ser potente em desenvolver estas capacidades, em construir outras significações, mais do que em direção a um ideal, na descoberta de outras produções pulsantes, atravessamentos na vida que, espera-se, possam alcançar alto nível de contágio no ambiente de trabalho, na composição de territórios. Atendo-nos aos registros históricos das experiências em teatro, seus usos com função educativa remontam, no país, ao período do Brasil Colônia, no qual o teatro adquire função pedagógica na orientação massiva de indígenas, num processo de acultramento. Este uso pedagógico do teatro visava colocar seu público alvo em contato com temas de interesse dos seus educadores, dentre os quais, o Pe. José de Anchieta. Estes temas estavam ligados a uma educação religiosa e a uma educação que visava disseminar hábitos e costumes europeus. Ainda hoje, há iniciativas relacionadas ao teatro pedagógico, muitas destas direcionadas ao público infantil ou a grupos sociais com certa vulnerabilidade. Estas iniciativas se prestam a uma educação massiva que, se não estiver ligada a outras ações que proporcionem construções singulares,

podem não atingir um caráter de problematização e movimento, ficando aquém dos objetivos a que se propõem.

Associações entre a educação e o teatro têm o potencial de agenciar uma educação sensível, que prime por destacar qualidades presentes nas infâncias, que tenda a acolher um devir-criança e o potencialize para que não se borrem as qualidades que as potências das infâncias deveriam sempre e mais legar-nos. É no sentido educativo que o teatro se associa, em muitas iniciativas, ao campo da saúde. Entretanto, é no sentido de produção de vida (saúde) que o teatro se associa ao campo da educação. Aberturas à experimentação do novo, educação sensível. Estas são características indissociáveis do teatro. Outros relatos podem dar conta dessas aproximações, como é o caso da experiência vivida num Serviço Residencial Terapêutico da Paraíba. Barja e Ribeiro (2007) relatam a prática teatral desenvolvida com pacientes egressos de longa internação em instituição de modelo manicomial. Ao longo de 14 encontros a proposta foi que se mantivesse o foco em jogos, preparação vocal, experimentação do corpo no espaço e elaboração de cenas para montagem de espetáculo. Poesia para os sentidos, expressão de sentimentos, liberação de angústias e acesso e vazão a temáticas com as quais os participantes estão implicados focando no estímulo ao encontro de soluções para as situações propostas no jogo dramático ou criação de estrutura de cena. As autoras concluem que “as atividades expressivas podem ser um ótimo recurso para a saúde mental, além de proporcionar o exercício físico, melhorar a autoestima, o afeto e colaborar no processo de inclusão social”.

## **TEATRO E JOGO**

Nos percursos da arte, em seus encontros com os espaços de reclusão da loucura, um trabalho realizado no Lar das Vovozinhas, na cidade de Santa Maria, mostrou resultados bastante interessantes. O caráter lúdico e experimental dos jogos e aproximações realizadas por um grupo de clowns em ala fechada do “Lar”, sob a coordenação da Profa. Rozane Cardoso, serve hoje como aporte reflexivo do potencial das artes não só em sua inserção



no espaço institucional, mas também em sua função de apropriação e transformação de territórios pelo convite à expressão. O trabalho consistiu na inserção do jogo clownesco no cotidiano de mulheres adultas com transtorno mental, asiladas em ala fechada da instituição. Rozane Cardoso foi professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria e desenvolveu sua pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, tendo sua prática se efetivado durante os anos de 1997 e 1998. A iniciativa se construiu, gradualmente, a partir do contato com o espaço. A descrição das aproximações e das possibilidades criadas a partir desse contato, geradas pela participação espontânea e pela composição coletiva de um território de estreitamento composto pelas internas do lar e os clowns, nos permite acompanhar transformações significativas na apreensão dos momentos, geradoras de conexões e mobilizadoras de afetos.

Em seu relato, Cardoso concluiu que houve o “reatamento de conexões perdidas”, tais como: “domínio afetivo, corporal, temporal, espacial”, provenientes “não só do jogo instalado pela festa, a qual proporciona júbilo, como também da intervenção política pelo riso e pela irreverência, o que permitiu criativamente inverter a ótica da disciplina hierárquica da instituição” (Cardoso, 2001, p.ix). Este registro tem a capacidade de elucidar características próprias a um tipo de teatro com imensa capacidade de mobilização, pautado no jogo e no contato direto com seu público objetivo, de caráter colaborativo. Uma intervenção produtora intensiva de significados, mobilizadora de afetos, criadora de sensações de pertencimento no aqui-e-agora.

Uma das bases em que o teatro se funda, o jogo, é descrita por Huizinga (1971) como sendo “mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física e biológica. É uma função significante, isto é, encerra determinado sentido” (pp.3-4). O autor aponta ainda características de diferença e repetição presentes no jogo: ato de criação a cada repetição, pois o jogo nunca se dá da mesma maneira; possível determinação de espaço e tempo, caracterizando o jogo como ordem, portanto produtor de ordem; é uma experiência de construção de valores éticos, não se aproximando, no entanto, da moral. Este seu caráter último lhe agrega valores extremamente importantes na constituição de coletivos, além de despertar capacidades de

experimentação, de erigir trocas e colaborações, pode pautá-lo na atenção, escuta e criatividade, incidindo sobre a saúde. O ato de comunicar, ou seja, a produção de sentidos está implicada em registros para além do registro da fala, inscrito numa certa duração, produtora de ordem, mas repleta de instabilidades e nuances de ritmo.

Para Artaud (1993, p.23), “é inútil dar as razões exatas desse delírio comunicativo. Mais valeria procurar as razões pelas quais o organismo nervoso esposa, ao fim de algum tempo, as vibrações da música mais sutil até extrair delas uma espécie de modificação durável”. O autor diz que “antes de mais nada, importa admitir que, como a peste, o jogo teatral seja um delírio e que seja comunicativo”. O jogo tem o potencial de implicar-nos integralmente no momento presente, ativar processos de subjetivação e experimentação de vida. As conexões são múltiplas, o grau de atenção exigido e a implicação física, muscular, a avides no esquema de perguntas e respostas, ação e reação, a capacidade de vivacidade e de celebração, a disponibilidade, a abertura às percepções, enfim, configura-se uma composição de corporeidades que, no limite, vivem o momento do tropeço (corpo desperto, alerta, com o qual reagimos reflexivamente). É nesse momento pleno, intenso, vivo, inteiro, proporcionado pelo jogo que, além de produzirmos diferença, aberturas a fluxos diversos daqueles do registro cotidiano e na experimentação de nós mesmos, colocamo-nos em estreito contato com aqueles que compartilham esse momento especial de relação. A produção de uma ética no jogar desdobra-se no nível de acontecimento, emergência e apreensão durável, na constituição de devires. Um “corpo de acontecimento” é esse processo de constituição conjunta de território, essa composição de corpos na criação do território em transformação, potência da arte, potência do jogo.

Articulações do coletivo em composições possíveis: disto trata, em parte, a arte do teatro, a força do jogo. As intervenções do jogo, nos registros da infância, são despreziosas, pois o jogo não carrega em si uma finalidade. As propostas de intervenção pelo jogo, seja no espaço que for, devem ser igualmente despreziosas, pretendendo-se sempre abertas e participativas. O jogo foi aqui colocado como momento de implicação integral de nossas faculdades, uma integração corpo-mente-afecção-devir. Se articulado assim, como momento de conexão, pode-se afirmar também que é momento de intenso aprendizado. É poesia para os sentidos, um aprendizado sensível. As conexões feitas com o grupo de

pertencimento no jogo, bem como as conexões consigo mesmo, composição de corpos de acontecimento e corpos de subjetivação, são apreensões sensíveis, transformadoras, integradoras do indivíduo e do grupo.

## UM CONVITE AO MOVIMENTO

O jogo tem um lugar particular, pois o ato de jogar dramaticamente cria uma segunda natureza, um estado de alteração diferenciado da realidade que possibilita aos sujeitos saírem de si e olharem-se ao mesmo tempo que jogam. Esse distanciamento de si é provocado pelo processo lúdico implícito ao jogo. No entanto, não há qualquer momento de fuga da realidade, pelo contrário, estabelece-se o espaço do aqui-e-agora, tão necessário a quem muitas vezes só tem como possibilidade a fantasia.

Cardoso (2001, p.5)

Que tem a ver a arte com o movimento? O que movemos? O pintor guarda dentro de si, em profundo isolamento, seus traços, em latência, na espreita da criação? Ou serão seus traços sua maneira de comungar com o mundo e expressar a latência evocada nos encontros do cotidiano, expressar sua inquietação? O artista é a própria espreita, espreita movediça, o corpo consumido, tendendo ao pó, à terra: artimanha inconsequente e mesmo, às vezes, inconsciente que termina por emprestar movimento ao que tende à estagnação! Mover ou apenas destacar em grifo algo que nosso olhar naturalizou: para que olhemos de novo, para que nos atenhamos, para que tentemos pensar: o artista reflete! O que refletiria o ator? Que tarefa difícil seria essa de dar corpo a um texto, a um personagem? Por quê? Um corpo e suas possibilidades.

A pergunta central não seria esse “por que”, mas “como”. O trabalho do ator, mesmo em um palco, não se resume à representação, pode e deve ter a força da aparição, na qual o intérprete se consome, encontra-se sempre e de novo com alguns estados e atmosferas, com as potências de sua voz e de seu corpo, na sua relação com diversos signos e símbolos. Move-se, move imaginações e imaginários, move territórios emprestando forças, tons,

ações, gestos, cores, ritmos. Mas o trabalho do ator não se reduz a uma necessária relação com um texto, formalizado em uma relação palco-plateia. O trabalho do ator inicia-se por uma abertura: conhecimento de si e olhar para fora, para o outro, para o mundo. E se no lugar de pensarmos um palco, abraçarmos a rua? E se no lugar de estabelecermos uma relação ator-expectador, mergulharmos no território do encontro? Encontro com os olhares dos passantes. Com seus ritmos. Se propusermos um tropeço no caminho de seus movimentos comedidos e objetivos? E se, para uma porta abrir, no lugar de girarmos uma chave e depois a maçaneta, tivéssemos que rodopiar três vezes e depois apertar o nariz? E se eu-ator afirmasse isso? Você acreditaria? Talvez tivéssemos divergências teóricas e lógicas. E se eu-palhaço afirmasse isso? Você acreditaria? Você tropeçaria nas suas certezas?

Na relação ator-expectador, a melhor das hipóteses para o expectador é um mergulho intenso no qual sua imaginação vai compondo a experiência estética que se apresenta, mais a gama de sensações que podem ser vividas nessa relação, mais as reverberações da experiência. O território do encontro de que fala o palhaço, pretende liberdade. Uma liberdade pactuada, na medida em que o jogo é assentido! É a brincadeira, o divertimento, a alegria, mas também o desconforto, o constrangimento e a perturbação: advindos de um abrir-se, perceber-se, estar com. É uma corporificação de atmosferas, de ritmos, de movimentos. Sempre uma pactuação (silenciosa ou ruidosa): aí jaz o movimento! Nasce e morre num brilho de instante! Nascido em mistura, o território é vivificado.

Foi orientada pela ciência do movimento humano que a artista-pesquisadora Rozane Cardoso, no ano de 2001, concluiu seus relatos sobre uma pesquisa-intervenção realizada em ala fechada do Lar das Vovozinhas, na cidade de Santa Maria. Seu propósito: “compreender o jogo clownesco e suas significações no cotidiano de um asilo” (Cardoso, 2001, p.ix). Suas preocupações giraram em torno da necessidade de novas práticas no lugar das práticas de segregação, evidentes nos espaços tradicionais destinados ao tratamento de transtornos mentais graves. Os palhaços ou clowns, colocados em relação nesse ambiente de segregação da loucura, dariam conta de corporificar, de compor outras construções simbólicas (Cardoso, 2001, p.3) num atravessamento dos espaços de cuidado em Saúde Mental.

O cenário descrito pela pesquisadora é um cenário estagnado, no qual a morbidade dos corpos é uma evidência impressa no tempo. O espaço (pátio interno, alojamentos, refeitório) um espaço reproduzido de acomodação e limitações gigantescas, concretude de um território pouco movente, de caráter funcional, pouco expressivo. A limitação dos discursos e práticas hegemônicos instituídos nesse espaço dizem de uma relação fixada com as noções de produção que permeiam nosso repertório de instituídos.

A artista-pesquisadora acolhe o jogo como berço da cultura. A ludicidade é eleita pela pesquisadora como “mola mestra” (Cardoso, 2001, p. 27) de sua pesquisa, e sua discussão sustenta que as “capacidades dramáticas e lúdicas” do homem deveriam ser levadas em conta em qualquer estudo do homem, por serem estes “elementos que se interpenetram e se completam para o desenvolvimento do ser humano”. Basta, para elucidar os estudos relatados por Cardoso, dizer que as senhoras, todas mulheres, acima dos 40 anos, viviam em regime interno, com acesso restrito a um pátio interno, num trânsito espaço-temporal estanque. A presença do grupo de clowns infundiu uma quebra do silêncio, quebra de movimentos repetitivos, hipnóticos. O respeito ao tempo e à capacidade de cada uma destas mulheres é colocado como um diferencial entre as ações propostas pelas intervenções e as ações institucionais. Segundo a artista, a capacidade de contemplação e a paulatina mobilização, carregada de paciência e generosidade, permitiram que o tempo fosse apontando caminhos para os desdobramentos da proposta.

Amparada pela constatação de um processo de adormecimento da criatividade, pelo qual passamos no caminho da fase adulta, Cardoso (2001, p.115) ressalta a perda da capacidade de ver e descrever as coisas com fantasia e paradoxo. A percepção fina desse contato com a morbidade das internas revelou que, às vezes, “um gesto tão fugaz, como o oferecer de flores artificiais, revelava-lhes um outro mundo” (Cardoso, 2001, p.116). Os estímulos, aos poucos, direcionaram a proposta para a construção conjunta do espaço lúdico, criando algo “com” e não “para” as internas. O clown potencializa sua relação, segundo Cardoso, na efetivação das trocas, tendo especial lugar o contato físico e o olhar. Num processo de trocas e estímulo da imaginação, a artista convoca-nos a compreendê-la como a lembrança das nossas verdades.

A proposta do estudo descrito calcou-se na “concretização do lúdico a partir das características do jogo, que são: tempo e espaço, interrupção da nossa vida comum, liberdade e ordem” (Cardoso, 2001, p.164). Nas conclusões das práticas da pesquisadora com o grupo de clowns, há cinco conexões descritas (Cardoso, 2001, p.164) que foram resgatadas no contato com as internas. São elas:

- ~ **afetiva**: concretizada no olhar e no toque, propiciando a comunicação entre os grupos, tornando, clowns e asiladas, pares em suas diferenças,
- ~ **corporal**: suspensão da disciplina da instituição, alcançando a reversibilidade dos corpos inertes e dóceis, moldados e formados de acordo com as necessidades da instituição,
- ~ **temporal**: perda da concretude e cronologia do tempo institucional, tornando o tempo generoso com a loucura e permitindo exercício de domínios e habilidades negados pela instituição,
- ~ **espacial**: transformação do espaço convencional em espaço criativo para a ação,
- ~ **júbilo**: efeito da festa, com caráter de interdição e interrupção das privações, visto que, mesmo em dias de festa, dentro da instituição, o momento reforça a hierarquia de funções, cargos e poderes.

Um último elemento constatado (Cardoso, 2001, p.168) na compreensão dos atravessamentos do clown no cotidiano asilar é a intervenção política pelo riso na inversão da hierarquização das funções e na estrutura disciplinar da instituição.

**ATOR EM VISITAS**

Quase 130 anos de história e mais de dez anos num processo um tanto atravancado de desinstitucionalização. Esta era a situação do HPSP, em agosto de 2009, quando conheci sua estrutura, no intuito de iniciar um estágio voluntário no SRT Morada São Pedro. O percurso da primeira visita incluiu uma breve parada em frente ao prédio histórico e rápida visita a duas unidades do manicômio, seguindo o longo trajeto que passa por diversas unidades de internação, pela reabilitação (lavagem de carros e coleta de lixo), mais algumas unidades de internação e, finalmente, o portão dos “fundos” do HPSP que desemboca no “Morada”. Nesta primeira caminhada, o encanto. Havia comemoração em uma das duas unidades que visitamos, o que teve um efeito de “quebra de gelo” frente àquela primeira visita a um manicômio. Para além da comemoração, que envolvia a presença entusiasta de alguns profissionais em formação (residentes de Saúde Mental vinculados à Escola de Saúde Pública) e trabalhadoras do Hospital, a imagem imponente do prédio histórico e o passeio à sombra das inúmeras árvores que embelezam seus pátios, apaziguaram algumas inquietações e medos, provenientes do contato com o desconhecido. Era uma nova paisagem e, apesar do encontro com alguns corpos cambaleantes, corpos carregados de marcas da segregação, a primeira impressão foi bastante positiva. O clima parecia favorável, ameno e alguma tranquilidade me invadia no convite da voz da trabalhadora do SRT que recebia a mim e a uma amiga que me acompanhara por companheirismo e curiosidade.

Ainda antes de chegar ao portão de saída/entrada (respectivamente do HPSP e do SRT Morada São Pedro) conheci dois moradores do “Residencial” que namoravam à sombra das árvores e observavam-nos curiosos. Chegamos, então, ao espaço físico do “Morada”, passando pela primeira casa, contígua ao muro do Hospital, a “casa das vós” – assim chamada por abrigar quatro senhoras idosas – e entramos na primeira rua, onde uma segunda trabalhadora veio encontrar-nos, para acompanhar essa nossa primeira visita. Passamos pelas nove casas da primeira rua (dentre as quais a casa onde se organiza o trabalho – a casa 6, ponto de encontro das trabalhadoras) que fazem vizinhança, de frente, com casas de outros moradores da Vila São Pedro. Como as casas do “Residencial”, estas casas foram também construídas pelo Governo do Estado e sorteadas entre ocupantes da invasão, antigamente conhecida por Vila Cachorro Sentado. Ao fim da primeira rua, em nosso ziguezague pelas três ruas, a visão da Vila: pequenos barracos, alguns reduzidos



mesmo a containers humanos, aglomerações de lixo, e dois pontos de “observação” de tráfego, alocados em pontos estratégicos para proteger as atividades de comércio de ilícitos e consumo de drogas. Seguimos pelas duas demais ruas, de estrutura semelhante, exceto pelo fato de que, na terceira rua, as casas fazem vizinhança de frente com o muro da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS). Nesse trajeto, passamos por trabalhadoras e alguns moradores (ex-internos do HPSP, catadores, senhoras, crianças brincando nas ruas e na pequena quadra de areia adjacente ao muro do Hospital). Na última rua, a casa 1: casa de reuniões e atividades onde, mais tarde, participaria das reuniões de equipe, proporia atividades teatrais e observaria/participaria de algumas outras atividades.

Nesse passeio, supri algumas curiosidades estruturais e de esquema de trabalho, passando a identificar o serviço como um espaço de moradia, de transição para outras moradias, de tentativa de afirmação de uma proposta regida pela Política Nacional de Saúde Mental, interessada em alavancar projetos de vida, de “reapropriação do espaço urbano e aquisição de autonomia para diversas tarefas”. Quanto ao processo de trabalho, segundo a Cartilha de Saúde Mental do Ministério da Saúde,

(...) o cuidador é um profissional importante no projeto. Ele passa a operar em uma residência e isso causa impactos importantes. Os profissionais que cuidam de moradores do SRT deverão saber dosar sempre o quanto de cuidado deverá ser oferecido para auxiliar na aquisição de autonomia pelo usuário, numa negociação constante. Este novo lugar de trabalho também vai requerer dos profissionais a realização de atividades que vão muito além de sua formação inicial, tais como: auxiliar em tarefas domésticas, ajudar no pagamento de contas, na administração do próprio dinheiro etc., requerendo dos trabalhadores o desenvolvimento de novas formas de cuidar.

Um aspecto importante dos serviços de saúde em questão – HPSP e SRT Morada São Pedro – é que estes serviços geridos pelo Estado configuram-se como importantes espaços de formação para inúmeros profissionais que cursam a Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental, mantendo vínculo com a UFRGS, ou com a Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul (ESP/RS).

Na visita seguinte, eu passaria pela Administração do HPSP, no intuito de registrar-me no

estágio de “familiarização” e iniciar minhas atividades de acompanhamento do processo de trabalho. Este vínculo via HPSP era necessário, pois, burocraticamente, o espaço físico, as trabalhadoras e os moradores do “Residencial”, ainda estão vinculados ao Hospital, na contramão do processo de municipalização do SRT em questão, prevista quando da sua implementação. Outra produção interessante destas primeiras visitas foi o interesse e entusiasmo de algumas trabalhadoras do “Morada”, ao saberem que havia um novo estagiário, este do teatro, iniciando atividades – nó importante na direção da proposta prática deste projeto de pesquisa.

### **ORIENTAÇÃO, DIREÇÃO: UM AMBIENTE, UMA PRÁTICA**

No ano de 2009, minhas práticas e impressões no período de dois meses de estágio no SRT Morada São Pedro configuraram-se na direção de um trabalho com as cuidadoras (referências técnicas e referências dos moradores das casas do “Residencial”), numa implicação com um espaço diferenciado para agenciar relações no ambiente de trabalho, intervindo na produção de desejo, de articulação e prazer, na expectativa de influir nas qualidades de trocas e interferir, indiretamente, nas produções do serviço. O desejo de criação e invenção de um serviço que, segundo a Política Nacional de Saúde Mental, amparada pela criação de espaços de formação, pede invenção, foi a motivação inicial da minha aproximação com este espaço que, então, me acolhera. O teatro e o jogo teatral assumem papel de composição do território na medida em que permitem a descoberta de uma expressividade extracotidiana, ampliando os registros expressivos que vão, direta ou indiretamente, incidir no cotidiano daqueles que a isto se propõem.

O enfrentamento com a realidade do “Morada” me arrancou da orientação inicial de uma prática teatral com usuários do serviço, movida pela proposta de atravessamento do teatro em serviços de saúde mental, levando meu foco a uma aposta direcional: a experimentação do teatro pelo coletivo de cuidadoras, propondo o enfrentamento, a exposição, a expressividade num atravessamento sutil na composição do território. O desenho almejado

seria trazer o lúdico para o cotidiano das trabalhadoras, sem ter certeza de onde iríamos chegar. Havia, em 2009, mais de 20 trabalhadoras vinculadas ao SRT Morada São Pedro. Mesmo antes dessa minha aproximação com o “Morada”, minhas impressões eram de que o trabalho em Saúde Mental podia ser produtor de grande desgaste, mesmo de sofrimento. Estas constatações foram amparadas também pelos relatos dessas trabalhadoras que estando efetivamente em serviço em um grupo de aproximadamente 14 trabalhadoras, falavam sobre as razões das licenças das demais colegas e sobre as tensões vividas no cotidiano.

Primeiramente, no ano de 2009, investi no desejo expresso por algumas trabalhadoras de terem um momento de acolhimento, de experimentação do prazer, de escuta e cuidado, que se configurou numa proposta de encontros semanais. A motivação girava em torno de produzirmos, juntos, alguma intervenção na festa do Dia das Crianças, organizada para as crianças e demais moradores da Vila São Pedro. Nossos esforços para encontrarmos-nos, reduziram-se a seis encontros nos quais experimentamos sensações, explorando os sentidos através de jogos, canções, desabafos e acolhimento de propostas. Sobre estes encontros, faltam registros que deem conta de amparar a escrita. Relato, portanto, o conjunto de sensações/percepções que consigo resgatar.

Éramos 6 ou 7. Em algum encontro pode ser que tenhamos sido 5 ou 8. Sentir o corpo, de pé, olhos fechados, corpo organizado, cada qual a seu modo. Respirar. Sentir os movimentos constantes e sutis do corpo e ampliar as percepções. Escutar longe! Escutar perto, tentar ouvir tudo, conectar-se. O mundo traz muitos ruídos, nossos corpos atravessam sensações, pensamentos...

Abrindo os olhos, esses novos olhos que estiveram fechados, agora tranquilos, ou talvez ainda mais inquietos, inundados novamente de luz. Dar as mãos, olhar outros olhos... o quanto se pode! Apenas uma forma simples de iniciar, acalmar ritmos regradados por demandas do cotidiano. Vamos pro ai ai ai ai ai... respirem fundo, mais uma vez. E ainda não parece tão simples, mesmo pra mim. Para o grupo, ou para a maior parte dele, novidades! Para mim, um espaço novo, aproximação com outros corpos, muitos olhares, muitas novas trocas.

Depois de um cuidadoso alongamento, parte por parte, ou de algum aquecimento rápido: o corpo atento! A cada reunião encontrávamos novos desafios. Jogos de atenção, de contato, de ação e reação, de imaginação, desafios individuais, em duplas, coletivos. Sempre um momento de acolhimento mútuo, momento inventado, possível porque acessado por corpos prenhes de desejo, olhos carregados de fogo, experimentando possíveis. Depois, sempre os sorrisos, sempre a leveza. Ao finalizarmos com um relaxamento ou talvez massageando uns aos outros, enxergo generosidade, disponibilidade. Algumas participantes sempre doam mais algum tempo ao espaço de encontro, umas às outras. Conseguimos uma aproximação de qualidade no registro do “acolhimento” e da “escuta”, conseguimos tempo de produzir juntos, de compor, de criar. Experimentamos uma forma de estar não condicionada a tarefas, mas vinculada a um espaço de experimentações.

O grupo é flutuante, com algumas presenças confirmadas. Os encontros são poucos e nem sempre é possível nos reunirmos. A proposta é parar. Todas correm! Às vezes uma, às vezes duas semanas de intervalo entre um encontro e outro. Uma ou duas trabalhadoras falam em preparar uma apresentação para a festa de Dia das Crianças. A proposta é levada ao grupo e a sensação é de que não temos tempo. Estamos concluindo o terceiro encontro e proponho que nos reunamos mais de uma vez por semana, no intuito de conseguirmos mais cinco encontros.

No próximo dia de atividades teatrais, talvez duas semanas depois, levo comigo uma canção e a ideia de fazermos um cortejo. Abriríamos a festa do dia das crianças com um cortejo! A ideia parecia interessante, foi bem aceita pelo grupo e apresentei a canção para que as participantes pudessem aprendê-la. Distribuí as estrofes entre as colegas presentes, no intuito de que pudéssemos decorar partes e ensinar uns aos outros. Ainda assim, deixei em aberto a possibilidade de pensarmos em outras canções. Não conseguimos realizar todos os encontros previstos! A falta de frequência indicou uma descontinuidade no processo e na instauração de um coletivo, de um processo coletivo, mas ainda assim possibilitou a constatação de alguns atravessamentos individuais na sensação de prazer, de produção de desejo (desejo de experimentar corporeidades, sensações, de manter o espaço, de seguir experimentando), na abertura à exposição, bem como na criação de vínculos,

especialmente o meu, um estrangeiro, um passante, com cada uma das participantes do espaço.

Este contato durante o período de estágio foi mobilizador de uma proposta de pesquisa que desse conta de resgatar esse espaço de intervenção. Para além da inserção no serviço como pesquisador e colaborador, no lugar do cuidado (uma proposta de pensamento-ação), indiquei também este outro caminho na ampliação da pesquisa-intervenção (educativa, na medida em que propositora de experimentações e trocas, construções conjuntas em um coletivo de produção de cuidado). Na despedida, a vontade de voltar, de continuar compondo, expressa por mim no desejo de dar prosseguimento à proposta e, por algumas trabalhadoras que me inquiriam sobre quando eu retornaria e se poderíamos prosseguir o trabalho.

Só em maio de 2011, retornei ao cenário do Morada São Pedro. Na primeira visita, encontrei poucas trabalhadoras e fui avisado de que havia outro ator propondo encontros semanais com a equipe de cuidado. Paralisia. Na semana seguinte, retornei ao espaço e conheci meu duplo: um outro, no lugar ao qual eu me propusera voltar. Houve sugestões, por parte de uma trabalhadora, que eu direcionasse minha intervenção aos usuários do SRT. Dediquei-me a fazer algumas visitas aos moradores e, na hora do almoço, quando estava indo embora, fui convidado para almoçar com uma das trabalhadoras e com o ator que propunha as práticas teatrais. Conversamos longamente, trocamos ideias sobre o serviço, as atividades que eu desenvolvera em 2009, suas atividades atuais, nossos interesses. Seus relatos versavam sobre a dificuldade em estabelecer uma frequência de encontros, em desenvolver ações continuadas junto às trabalhadoras.

Na minha confusão, passei três semanas pensando em como resolver a proposta de pesquisa, redirecionando-a, tencionando mais um espaço de encontro, propondo um trabalho a dois? Passei do encontro de uma orientação para a experimentação do teatro – uma prática em Saúde Mental – a uma direção – uma prática com as trabalhadoras do SRT Morada São Pedro – e a perda dessa direção. De volta à orientação: a constatação de uma perda. Seria um ganho? Certamente seria outro trabalho. Seria necessária outra direção! Ao menos foi o que pareceu, num momento inicial.

No meu retorno oficial ao “Morada”, no mês de junho, surpresas! Ainda sem conseguir redirecionar a proposta de intervenção, fui recebido com a notícia de que o espaço de encontros teatrais não estava mais em andamento, meu duplo tivera que deixar o “Morada”. Ainda assim, os encontros com a maioria das trabalhadoras, todas já conhecidas, se dava aos tropeços. Correrias e um clima um tanto agitado. Na casa 6, uma nova trabalhadora que se apresentava ao serviço no dia da minha chegada. Falamos das nossas vontades, dos nossos desejos, da necessidade de movimentos, de implicar o espaço em transformações, do limite tênue de fronteiras com o HPSP. A trabalhadora ingressara recentemente no quadro de trabalho do HPSP, tendo sido transferida da Unidade de Desintoxicação do Hospital para o SRT Morada São Pedro e se tornou um ponto luminoso e fonte de trocas e aprendizados potentes nesse meu percurso de formação.

Na sequência, outros encontros. O serviço, bastante esvaziado de trabalhadores, contava com 8 residentes: uma dupla de enfermeiros, uma dupla de pedagogos, uma atriz, um assistente social, uma educadora física, uma psicóloga (no ano de 2009, haviam, ao que me recordo, apenas três residentes). Na primeira reunião de equipe, sou apresentado como pesquisador, apresento minha proposta, pergunto sobre a possibilidade de sustentarmos um espaço lúdico de trocas, atravessado por jogos e outras práticas teatrais. A proposta é que o espaço se construa coletivamente, encontrando possíveis, novas possibilidades de expressão. O silêncio ecoa, meu convite soa mais como pauta de reunião. A intenção, então, passa a ser sentir o momento do serviço, sentir o momento das trabalhadoras. Após a reunião, nos próximos dias, os encontros falam do cansaço, da irritação, dos trânsitos instituídos, do trabalho mais ocupado de suas prescrições do que atravessado por desejos. Estes, apagados. Algumas trabalhadoras chegam a me procurar no intuito de se desculpar, de dizer que o momento é complicado, mas que talvez se vá arranjando tempo para que a gente consiga resgatar os encontros. “A gente está mesmo precisando”.

Nas semanas que se seguiram, invisto em tentar combinar o encontro para depois das reuniões de equipe, às 11h, pelo fato de estarmos já todos agrupados. As reuniões começam entre 8h:30min e 9h:00 e a cada semana parecem mais inchadas de assuntos, reclamações, tensões, busca de compartilhar alguns problemas, se estendendo, geralmente, até o meio dia, ou mais tarde. Ainda assim as capacidades de livre expressão

pareciam não contar com um espaço receptivo, dado que as questões levantadas mostravam tendências a lateralidades, não dando conta de alavancar compreensões geradoras de construções coletivas, encaminhamentos, produções a serem retribuídas ao serviço. O ambiente era poliqueixoso. O primeiro movimento possível parecia ser o “acolhimento”, momento propício à “escuta” e à troca de ideias. Havia embates constantes entre trabalhadoras e residentes, tensionando as reuniões no sentido de repensar direções de trabalho. Visivelmente, as qualidades de trocas entre a equipe no momento instituído para tal, não davam conta de acolher dissonâncias e de compor produtivamente o espaço. A sensação era de estarmos sempre incorrendo em repetições. Muitas queixas, atitudes de ataques e defesas, com pouca resolutividade, o que me fazia acreditar ainda mais na potência dos encontros lúdicos que não conseguíamos realizar.

Nos três primeiros meses, consegui apenas fazer pequenas intervenções nas reuniões que seguiam um ritmo de inchaços e, algumas vezes, cancelamento. Participava, como os demais, das angústias geradas por incapacidade de resolutividade nas produções ao lado dos moradores, falta de perspectiva de ampliação das ações por cansaço e falta de pessoal na equipe e por uma lógica de trabalho muito carregada de movimentos burocráticos (constantemente movimentações financeiras seguidas de prestação de contas, auxílio na organização geral da vida doméstica diária, ou mesmo em questões básicas de higiene e alimentação e medicação, tudo isto com um número grande de usuários por trabalhador). Os momentos de proposição de práticas se reduziram, novamente, a seis encontros com frequência flutuante, alguns com mais residentes do que trabalhadoras, em meio a inchaços e a cancelamentos de reuniões. As intervenções, relatadas a seguir, visavam pequenos atravessamentos e um tatear de espaços possíveis para chegar a uma regularidade de práticas.

Em agosto, mais duas trabalhadoras foram recebidas no serviço, uma delas, para o cargo de coordenação. A sensação, à chegada de novas cuidadoras, era de que havia um tensionamento, velado ou sutilmente explícito, uma tensão, vinda da equipe, sobre a sustentação do lugar de trabalho. Algo como “vamos ver se ela aguenta”. Ao conversar com a nova coordenadora, sinto entusiasmo e interesse na minha proposta, o que parece iluminar um pouco uma possível concretização do espaço de trocas. Na prática, os 6

encontros abaixo descritos aconteceram com bastante espaço entre um e outro, com baixa adesão e apenas após uma outra intervenção teatral que consegui realizar no espaço do SRT. As práticas propostas provêm de diários e memórias do meu processo formativo, alguns jogos de autoria de parceiros e lembranças de oficinas de que participei, não estando referenciados.

## DESCRIÇÃO

25 de outubro de 2011

A proposta da coordenação foi de que as atividades teatrais antecedessem as reuniões de equipe, que a experimentação de práticas extracotidianas, alheias ao cotidiano do serviço, criasse uma atmosfera de encontro anterior à exposição de demandas e trocas entre os participantes das reuniões (trabalhadoras, residentes e eu, na figura de colaborador / interventor / pesquisador). Iniciava as atividades pelo rearranjo de nosso espaço, um tanto restrito. Nesse primeiro encontro, removi quatro ou cinco banners que decoravam as paredes da casa 1, arrastei alguns sofás até as pequenas salas (quartos, na configuração original das casas), limpei o espaço ao som de música, na expectativa da chegada dos participantes. A demora na chegada foi maior do que a de costume, dando tempo para que alguns chegassem, se acomodassem, começassem uma troca de ideias num espaço que surpreendia a todos pelas pequenas mudanças. Os grupos de conversa se formaram e se configuraram um grande grupo reunido sobre os sofás restantes, já denotando um relaxamento. Uma atmosfera um tanto diferente da habitual nas reuniões:

~ **Imprevisto:** enquanto conversávamos e alguns se perguntavam se iríamos iniciar, ao que respondi que devíamos ainda esperar os demais, uma das trabalhadoras retirou da bolsa um pequeno aparelho de massagens e pediu que eu massageasse suas costas. Esta atitude imprevista fez com que houvesse uma onda de massagens concomitantes entre os seis componentes do grupo reunido nos sofás. Logo, convidamos outros trabalhadores e residentes, ainda um tanto dispersos, a se juntarem a nós e, aos poucos, os que iam chegando, também participavam da dinâmica. Esta dinâmica simples,



imprevista, proposta por uma trabalhadora, dava conta de refletir o clima de “acolhimento” que o espaço, por si só, propiciava. Um espaço aberto ao não fazer (numa perspectiva das exigências do cotidiano do serviço), fazer algo enquanto se espera. Até um pouco depois das 10h, já estávamos todos reunidos. Iniciamos a grande roda com nove trabalhadoras, três residentes e um representante da gestão (outro chegaria durante as dinâmicas e participaria da reunião).

- ~ **Roda:** dado o atraso e a necessidade de contemplar o momento de reunião de equipe que contava com a participação da gestão, fizemos um rápido relaxamento, de pé, de olhos fechados, atentando às sensações do próprio corpo, aos sons, aos cheiros, ao ambiente, expandindo os sentidos. Ao abrímos os olhos, o corpo ereto numa inspiração profunda para logo desorganizar o tronco num relaxamento, soltando sons “ai ai ai ai ai ai ai”. Já nesse momento, estranhamentos, desconfortos, risos, entregas profundas.
- ~ **Jogo de Atenção:** iniciamos por um jogo de nomes. Uma bola (no caso, eram bichos de pelúcia, sanduíches de plástico e algumas bolinhas) começava a circular na roda. O portador da bola deveria dizer seu nome e, logo, o nome da pessoa para quem passava a bola. Inicialmente pareceu um tanto difícil, mas logo o jogo tornou-se fluido, a que respondi aumentando o número de bolas na roda. Estas se cruzavam no ar. As vozes, inicialmente claras, começavam a tornarem-se ruídos, misturadas. Os risos iam também sendo jogados ao meio da roda. À medida que aumentava o número de bolas, o ruído aumentava. Alguns golpes das bolas, em participantes naturalmente dispersos pela diversidade de informações em que o jogo se transformara, eram motivo de risos, aos quais se seguiam mais golpes. Paramos. Percebi que a dinâmica do jogo alcançou um grau de desenvolvimento bastante alto. Havia muita atenção nos movimentos, apesar de alguns golpes. Propus que mudássemos um pouco a dinâmica. Cada participante da roda devia escolher o nome de um país. Passamos uma bolinha, algumas vezes, em círculo, para darmos conta de fixar o nome do país escolhido por cada participante, antes de iniciar o jogo. Dessa vez, salvo a confusão entre nomes próprios e países, a dinâmica revelava as mesmas expressões: corpos cada vez mais atentos, mais conectados, mas ainda alguns golpes seguidos de risos. Havia um clima de grande descontração, de alegria, olhos brilhantes, corpos atentos uns aos outros, numa

dinâmica integrativa.

- ~ **Travessia:** nossa próxima tarefa foi caminharmos pelo espaço, tentando minimamente, equilibrá-lo, ocupando o plano de que dispúnhamos numa distribuição homogênea. Numa palma, eu convidava a pausas para a percepção do quanto estávamos conseguindo sustentar a proposta. Reduzi o espaço com fita crepe e seguimos, um tanto mais apertados, experimentando trânsitos. Em uma das paradas sugeridas, distribuí pedaços de giz aos jogadores, com a indicação de que devíamos, um a um, fazer círculos ao redor de nossos pés e escrever nossos nomes dentro dos círculos. Convidei todos a saírem dos limites das fitas, colocando-se nas laterais do nosso espaço de círculos/nomes. Pedi que identificássemos exatamente onde estavam nossos nomes e descrevi a dinâmica do jogo: de uma ponta a outra, todos deveriam atravessar o espaço restrito pelas fitas, no sentido mais extenso. A regra era que cada um pisasse somente no círculo que continha seu nome, sendo permitido pisar em qualquer outro círculo desde este estivesse ocupado pelo participante a quem o nome referia. Tarefa: todos deveriam atravessar de um lado a outro, observando as regras do jogo. Houve alguma agitação, alguns disseram achar impossível concluir o jogo. Numa primeira tentativa, pressa. Alguns, que conseguiram ir até seus círculos, estavam parados, colaboração necessária para que o jogo chegasse ao fim. Outros, apressados, passavam pelos círculos ocupados pelos colegas, no intuito de chegar à outra extremidade do espaço delimitado. Não conseguimos concluir o jogo a contento. Foi necessário pararmos para avaliar nossos trânsitos, para que a próxima experimentação, talvez, fosse mais consciente, mais resolutiva. Na próxima tentativa conseguimos chegar ao fim do jogo, cumprindo suas regras, com alguma intervenção verbal dos colegas, que se ajudavam mutuamente. Ao fim do jogo, propus olharmos aos círculos no chão. Propus tentarmos enxergar mapas. Não mapas estanques, onde cada um tem um lugar, mas mapas de fluxos, de trânsitos.
- ~ **Inventando Países:** ao fim do jogo, buscamos espaços para sentar. Propus que cada um de nós escrevesse, em um cartão colorido: do lado de fora do papel dobrado, o nome de um país; do lado de dentro, alguma característica peculiar, alguma curiosidade, alguma impressão sobre qualquer aspecto da paisagem, da cultura, da história, enfim, o que cada um quisesse, sobre o país escolhido. A revelação seria feita no encontro

seguinte. Contornos, forças de enunciados, língua, sotaque, roupas, corpos, expressões.

A reunião de equipe, nesse dia, seguiu as pautas de forma bastante leve, refletindo a atmosfera criada nas construções coletivas anteriores. Com tempo escasso para os encontros, pensei novamente numa aposta direcional, acreditando que a experimentação teatral e a ludicidade com fim de atravessamento no cotidiano do trabalho demandassem mais tempo do que teríamos, mesmo eu estando até o mês de janeiro no SRT. A infiltração da temática dos mapas em nosso espaço de trocas visava, em princípio, chegar a diversos entendimentos sobre os trânsitos e trocas no espaço de trabalho. Ao fim, almejava dar visibilidade aos trânsitos de cada trabalhadora pelas moradias do serviço, pelas estruturas hospitalares utilizadas, visibilizando os encontros e trocas com alunos residentes, trabalhadores, diaristas e moradores no complexo São Pedro (Hospital, Residencial e Vila). A proposta visava construir uma perspectiva de rede, num entendimento individualizado, mas chegando a um panorama geral.

1º de novembro de 2011

Contamos, neste dia com catorze participantes (nove trabalhadoras e cinco residentes). Nesse encontro, a demanda de tempo da dinâmica inicial fez com que nos limitássemos apenas a ela. Sentados em círculo, cada um de nós sorteou um dos papéis com os nomes de países, escritos no encontro anterior. Expliquei, então, como se daria a dinâmica. Cada um, a sua vez, não necessariamente seguindo a roda, deveria ler em voz alta: primeiro, o que estava escrito do lado de dentro do cartão, sem revelar o nome do país. Tornaram-se inevitáveis as tentativas de adivinhar de que país se tratava. Após algumas tentativas de adivinhação, o país era revelado e, antes que o próximo pudesse ler seu cartão, a roda era convidada a agregar novas características ao país revelado. A dinâmica de revelações e novas construções sobre cada país seguiu uma dinâmica interessada. As contribuições e discussões sobre lugares distantes geraram muitas ideias díspares, não necessariamente conflitantes, mas dimensionadoras de uma realidade em criação pelo coletivo. Uns falavam em guerras, outros na qualidade das comidas, uns na paisagem, outros nas músicas ou na produção artística. Ao fim desta extensa dinâmica, quis garantir o entendimento de que

apenas a leitura dos papéis teria configurado uma visão geral mais plana de cada país descrito. Falei das qualidades das trocas, do valor da escuta e da construção coletiva, da questão dos engendramentos da realidade, impulsionados por atravessamentos em diversas direções. Questionei ao grupo o quanto cada um achava que o que falávamos ali estava realmente dado ou como poderia ser diferente em outros grupos. Construir coletivamente a experiência do real, este foi o foco da dinâmica de nosso segundo encontro. A reunião seguiu as pautas, seguiu um tanto mais calma, preocupada em chegar a resolutividades de questões sobre os moradores, num esforço da coordenação de que conseguíssemos sair das questões circulares sobre os desconfortos e debilidades do serviço.

Na semana seguinte, a reunião de equipe não aconteceu.

15 de novembro de 2011

No dia anterior à próxima reunião de equipe, confeccionei um convite em papel cartão para tentar sustentar nosso espaço de trocas, para além da efetivação das reuniões. Desde a minha chegada, iniciando pelo espaço do HPSP, fui encontrando trabalhadoras e residentes, apresentando o convite, que circulou pelos espaços, até chegar ao “Morada”, suas três ruas e, finalmente, chegar a casa 6. Nesta última casa, ponto de trânsito comum entre trabalhadoras e residentes, afixei o convite, para que todos pudessem ver. No dia seguinte, cheguei cedo à casa 1 para organizar o ambiente para as atividades. Por volta de 9h:00 da manhã, uma das trabalhadoras me procurou, dizendo que não haveria, novamente, reunião de equipe, mas que algumas trabalhadoras se propunham a vir compor o encontro às 10h:00. Nessa minha expectativa, chegaram ao ponto de encontro alguns residentes aos quais avisei que não teríamos reunião, mas que seguiríamos com as práticas coletivas. Um pouco depois das 10h, tínhamos um grupo de sete pessoas (quatro trabalhadoras e três residentes). Construimos uma cena:

~ **Contato Inicial:** fizemos um círculo, de mãos dadas. Propus que fechássemos os olhos e passássemos um pulso: um aperto de mão inicia a corrente e é passado aos demais,

de um em um, percorrendo o círculo ininterruptamente. Propus acelerarmos o ritmo, depois irmos acalmando, até pararmos. Ainda de olhos fechados, soltamos as mãos, sentimos um pouco o corpo, nossas mãos, o ambiente em que estávamos inscritos. Abrimos os olhos e indiquei aos participantes que colocassem as mãos sobre os ombros dos colegas ao lado: sorrisos. Uma massagem breve fez todos se entregarem a um relaxamento: leveza, prazer de estar juntos.

- ~ **Espelho da Escultura:** a próxima proposta foi que nos dispuséssemos em duplas, frente a frente. Pedi que um voluntário de cada dupla moldasse, no corpo do outro, alguma forma, usando as articulações. Feito o molde, como uma estátua, o escultor deveria parar em frente a ela, imitando sua postura. Indiquei então que as estátuas, lentamente, dessem início um movimento contínuo, ao qual o escultor deveria responder, como um espelho. Os movimentos eram leves, como uma dança, e os escultores buscavam estar atentos e seguir os passos de suas estátuas vivas. Quando os participantes já estavam bem à vontade, pedi que as duplas parassem, seguindo apenas uma dupla de cada vez sua dança para que os demais pudessem observar. Exposição, um pouco de constrangimento, olhares atentos, corporeidades em produção. Invertemos escultores e esculturas, no intuito de experimentarmos mais um bocado este momento prazeroso, de atenção, de fluxo.
- ~ **Estados no Corpo (composições):** feita esta experimentação, desfizemos as duplas e propus a cada participante que escolhesse, secretamente, um Estado brasileiro. Era hora de esculpirmos os Estados no corpo. Corporificar estados. Apesar de a dinâmica ter sido recebida como uma dinâmica difícil, outras duplas foram formadas e novas esculturas feitas. Cada grupo de quatro esculturas vivas (éramos, no total, oito pessoas), deveria se manter paralisado por alguns instantes para que os demais organizassem composições pelo espaço, explorando as formas corporais e sua relação com o espaço da casa onde nos encontrávamos. As diferentes composições elaboradas provocaram reações diversas, risos, constrangimentos, curiosidades.
- ~ **Um Nó:** ao fim do encontro, apenas como dinâmica de fechamento, fizemos um círculo novamente e pedi que os participantes atentassem à mão de quem seguravam com a mão direita. Desfizemos o círculo e caminhamos aleatoriamente pelo espaço, “como um liquidificador”, eu dizia, “mais perto, mais perto”. Ao meu sinal, todos pararam.

Agora, todos, de onde estavam, deveriam procurar as mãos esquerdas que seguravam com suas mãos direitas, configurando um grande nó. Lentamente, acompanhando o movimento do grupo, sem soltar as mãos, fomos desatando conjuntamente o nó.

Nosso grupo estava reduzido à metade e eu esperava poder alcançar, novamente, um objetivo: chegar a imagens ou cenas da cidade de Porto Alegre, para depois conseguirmos dialogar, explorar, expor em corporeidades e palavras, enfim, erigir e tomar em si alguns trânsitos e trocas em nossos mapas cotidianos. Mais uma semana de correrias, sem reunião de equipe, nem mesmo a presença de algumas voluntárias mais interessadas. Mesmo o encontro com algumas trabalhadoras, com seus olhares agitados e esperança no encontro da semana seguinte, não acalmou minhas angústias por não vislumbrar um fechamento para o trabalho, no ritmo em que andávamos.

29 de novembro de 2011

Neste dia também não houve reunião de equipe, mas algumas trabalhadoras, novamente, compareceram. Não parecia haver sentido em dar continuidade à linha da proposta, visto que apenas duas das trabalhadoras haviam estado presentes nos três encontros anteriores. Estava formado, neste dia, um grupo de oito pessoas (três trabalhadoras, quatro residentes – sendo três visitantes, vindas da Bahia). Ao passo que havia vontade de estarmos juntos, de fazermos algo, propus às visitantes experimentarmos algumas dinâmicas. A combinação do grupo foi de que resgatássemos dinâmicas experimentadas no último encontro, há duas semanas. Obviamente, não estávamos entre as mesmas pessoas e a dinâmica se deu de forma diferenciada:

- ~ **Aquecimento:** uma das residentes recém-chegadas propôs um aquecimento em roda e, com bastante alegria, contagiados pela disposição da nova colega, um a cada vez, propúnhamos movimentos com uma parte do corpo, brincando, rindo, estranhando, imergindo na proposta.
- ~ **Espelho Da Escultura:** nessa dinâmica, a sensação durável foi novamente da leveza, do prazer, de um gozo intenso em explorar movimentos delicados, de se dispor a um fluxo

harmônico. Muitos olhos atentos brilhavam. Alguns, por alguns instantes, dispersavam, se fechavam, sendo convocados novamente aos olhos do outro. Havia a sensação de que podíamos nos dedicar longamente a essa dança, a esses gestos expandidos, a essa duração da experimentação dos corpos, do entre corpos, na lógica do instante, do acontecimento.

~ **Esculturas (composição):** ao relembrar a dinâmica do encontro anterior, estados no corpo, houve consenso de que faríamos dois grupos que escolheriam temáticas para moldar os corpos dos demais colegas. Isto feito, começamos as tarefas de moldura e consequente exploração das formas pelo espaço, numa brincadeira frouxa, numa relação de toques, escutas, observações.

Quase metade do grupo estava composto por pessoas que havíamos conhecido no mesmo dia, naquele mesmo espaço. A constatação, nos momentos que se seguiram às dinâmicas, foi de que a maneira de nos aproximarmos, por meio de brincadeiras, descontrações, exposições em danças leves, busca de soluções dentro do jogo de composição do espaço, nos deu uma sensação mútua de proximidade, gerando um contato posterior aberto a questões, a exposições, a trocas. Conversamos longamente com as residentes visitantes, levantando questões, principalmente, sobre as durezas dos serviços de saúde, implicados em trâmites burocráticos, ações vigiadas, restrições constantes de proposições e práticas. Ao fim do mês de novembro, houve uma convocação forte à escrita, a que não pude escapar. A primeira reunião do mês de dezembro foi o momento em que tive que me despedir, com a sensação de inconclusão por não ter atingido um número mínimo de encontros que visavam liberdade, ludicidade, experimentação do jogo, da criação. Nem mesmo consegui fechar a proposta da dinâmica de mapas, que parecia, inicialmente, possível, por meio do apoio da coordenação e do infiltramento no início das reuniões de equipe.

#### Último encontro

A reunião de equipe foi feita em dia atípico e havia a presença de todas as trabalhadoras.

Éramos quinze ao total (onze trabalhadoras, três residentes e eu). Eu havia selecionado algumas dinâmicas para propor livremente, mas a entrada na casa 1 e as perguntas sobre a minha saída do serviço, me desorientaram um pouco. Quando se deu início à reunião, uma das trabalhadoras (a minha parceira) propôs uma dinâmica em círculo, ao que acolhemos, não sem surpresa. Sua proposta girou em torno de mexermos todos os grupos musculares, em movimentos deslizantes, torções, circunvoluções, parte a parte. Uma dinâmica que exigiu, de alguns, maior esforço, mas fez aparecerem também expressões de prazer, de bem-estar. Ao fim desta proposta, um tanto menos tenso, propus mantermos o círculo, para, aproveitando o grande número de pessoas na reunião, repetirmos a dinâmica do nó, realizada anteriormente em um encontro no qual estávamos entre oito pessoas. Na primeira tentativa de desfazermos o nó, chegamos a uma grande confusão da qual não conseguimos sair ou, para a qual, talvez, não tenhamos conseguido dedicar tempo suficiente, desistindo de resolver o problema. Repetimos a dinâmica mais uma vez. Dessa vez, talvez numa configuração menos complexa, mas não sem ansiedade, desatamos o nó.

Saí da reunião para ir a um posto de saúde, para pegar um requerimento de consulta de uma moradora, última tarefa a cumprir no serviço. Saí da reunião pensando nos nós, no quanto de tempo dedicamos a eles, no quanto devemos insistir. Quando as cordas têm nós muito antigos ou muito apertados, pode-se afrouxá-los a marteladas, mas são sempre mãos de gestos firmes e delicados que finalizam a tarefa de desatá-los.



## **EXPANSÃO E EXPRESSÃO**

Ao lado das tentativas de criar encontros regulares, com a proposta de apropriação e construção lúdica de uma linguagem corporal, teatral, na constituição de outras possibilidades expressivas junto às trabalhadoras do “Morada”, estiveram outros atravessamentos no cotidiano do serviço, lugar de encantamento na direção da criação, da invenção! Ao fim de junho, a proposta de uma festa junina na Vila São Pedro, lançada por uma trabalhadora, requeria organização. Acompanhando os passos da nova trabalhadora que fora transferida do HPSP para o “Morada” no mês anterior, fui à busca de nossos vizinhos, primeiro atravessamento com o núcleo urbano de inserção do SRT Morada São Pedro: as casas, os barracos, os containers, a visão dos trabalhadores, dos usuários de crack, das pessoas livres, desejantes. Depois de relatar que conheceu recentemente o “Carandiru”, um beco tomado de lixo e com pequenos containers (dormitórios e pontos de uso de crack de diversos moradores) minha parceira trabalhadora me convidara para conversar com a “tia”, dizendo, em tom sarcástico, saber que aquela “não era a proposta da minha pesquisa”. Porém, esse contato com os moradores me pareceu bastante pertinente, assim como o trânsito pelo lócus urbano no qual está inserido o SRT. Logo, fomos ao “Carandiru”.

Numa primeira aproximação minha e de uma das residentes, encontramos com uma estética urbana ainda mais distorcida do que aquela encontrada no SRT Morada São Pedro e nos trânsitos regulares pela Vila São Pedro. Conversamos rapidamente com uma mulher que, sentada ao chão de seu cubículo, com a “porta” aberta, nos encarou um tanto constrangida, desconcertada com a nossa presença. Falamos sobre a festa, e perguntamos sobre a “tia”, como pretexto à aproximação (um tanto tímida). Nessa caminhada, minha parceira-trabalhadora nos falava frequentemente um nome, antecedido por “tia”, que é como vamos chamar a essa moradora. Ainda a sua procura, paramos para conversar com um dos homens que estava sempre junto ao ponto de observação, o “violeiro”. Ele dizia tocar violão, mas não ter o seu próprio. Conversou muito eloquentemente conosco, dizendo não ser usuário de crack e não morar na Vila, ainda que estivesse sempre por lá, com uma aparência bastante abatida, os olhos vidrados, de um vermelho amarelado. O violeiro se apresentou pelo nome e tentou nos vender um isqueiro por R\$ 1,00 ou R\$ 0,50. Finalmente, o encontro! Com olhos sorridentes, a “tia” se propôs a uma conversa no espaço

da “Escola”, antigo posto de saúde, agora desativado.

Um dos postos de vigilância de tráfego, de onde ouvimos frequentemente os gritos “tá limpo” ou “olha a chuva”, a cercania dos degraus da escada, na entrada da “Escola”, se tornou ponto de encontro de moradores da Vila São Pedro, ponto de parada para alguns bate-papos, ponto obrigatório de passagem de trabalhadores, residentes e moradores nos trânsitos pelo “Morada”. Sentados com a “tia”, acompanhados de mais quatro residentes, ouvíamos seus relatos sobre o sistema de cooperação dos usuários de crack que, segundo ela, pagavam o valor de R\$ 5,00 por dia para ocuparem os “barraquinhos”. Enquanto conversávamos, dois dos seus “inquilinos” bateram na janela da escola: um deles, com alguns pães de sal e outro com um ou dois quilos de gordura de carne. A “tia” nos contou que, quando era possível, os “coitados” traziam “alguma coisinha” numa cooperação mútua e que ela própria costumava cozinhar para vários deles no fim da tarde. Conversamos sobre seu sobrinho, um garoto de 13 ou 14 anos que estava presente. Ele morava, até pouco tempo, com ela e “vivia internando” por uso de crack. Agora, a “tia”, que era tia e não era mãe, o colocara na sua própria “casinha”, pra ver se ele conseguia se virar. Já que ela não conseguiu “dar jeito”, agora ele estava se virando. Ainda durante a conversa, alguns rapazes bateram na janela perguntando se éramos do “esquadrão antidrogas”. Respondemos que estávamos apenas conversando e, logo, a trabalhadora que propusera o encontro convidou-os para entrar: não tendo resposta positiva, seguimos a conversa. A proposta da festa era um bom convite para o diálogo, criando brechas para que conversássemos sobre a vida na Vila e o uso de crack.

Havia sinalizações sobre a festa junina, mas algumas questões da pré-produção da festa pareciam estar centralizadas por uma das trabalhadoras. Tudo o que conseguimos fazer foi comunicar na Vila a proximidade do evento, pedir que os possíveis colaboradores entrassem em contato para ajudar a produzir a festa e que ajudassem na divulgação.

As festas no “Morada” costumam ser feitas no início da tarde. No dia nove de julho, fazia um tempo frio e, ainda pela manhã, havia muitos envolvidos em movimentações para organizar a festa: produção de bolos e cachorros quentes em algumas das casas. Cuidadores (trabalhadoras do serviço, alunos residentes e diaristas de algumas casas) estavam

envolvidos em levantar o espaço para o momento de celebração, de comunhão. Pelas ruas, alguns moradores acompanhavam a organização/desorganização do espaço, ajudavam, encantavam-se. Havia muito que fazer: colocar bandeirinhas, levantar uma fogueira, ir ao mercado, bater mais bolos. Fora do regime de queixas, estávamos, muitos, sintonizados, em torno da produção de um momento de descontração, de transformação do espaço, de expressões diversas das cotidianas. Eram muitos sorrisos, em passos apertados muito diferentes daqueles do cotidiano. Corríamos, mas ao lado uns dos outros. Na verdade, corríamos em diversas direções, mas, nos encontros, havia diversas paradas, pedidos de ajuda. Unidos em torno de uma construção coletiva, havia sorrisos alegres e olhos brilhantes. Tudo pronto, começaram a chegar, aos poucos, os visitantes: vizinhos, internos do HPSP, alguns representantes da gestão, amigos moradores do SRT Morada Viamão. Seguindo os fluxos da transformação, da instauração da festa, da composição do espaço, iniciei a tarefa de maquiar tantos participantes da festa quantos quisessem.

Em alegres gargalhadas, Eve – moradora do SRT – cantava. Um pandeirista – seu vizinho – tocava. Um amigo do “Morada Viamão” triscava os dedos na viola, tudo isto misturado ao som mecânico que ecoava músicas temáticas. Havia ainda uma dançarina que, neste dia, tinha a companhia de outros corpos que dançavam junto ao seu. Muitas crianças embarcaram na proposição de brincadeiras diversas. O clima, longe dos trânsitos diários, marcados imensamente pelo desgaste constante, pelo cumprimento de tarefas repetitivas, alcançava levezas, descontrações, euforias. Havia espaço para outras construções, outras produções que não deveriam se reduzir a esses dias. Todos precisam respirar, distensionar! Penso que, talvez, conscientizar a respiração, movimento involuntário, quase imperceptível, constante, seja um simples caminho no início de outras conscientizações.

O violeiro, o outro violeiro, aquele que já encontramos outras vezes em frente à “Escola”, pediu ao dono do violão para tocar uma música. Agitado, dedilhou o violão e disse que estava desafinado e que podia pedir a um vizinho que realizasse a afinação. Pediu permissão e, sem ouvir qualquer consentimento, saiu numa caminhada rápida. A trabalhadora-parceira que o havia encontrado semanas atrás junto comigo seguiu-o em direção ao “miolo” da Vila. Um tanto desconfiado e como antevendo outra incursão pela vizinhança, os segui. Andamos por diversas ruelas, fazendo curvas, desbravando um espaço

que, em princípio, parecia diminuto. Ao fim da caminhada, um bar. Havia dois senhores bebendo e alguns meninos jogando “pebolim”. O dono do bar, um dos homens, com olhar desconfiado, recebeu ao violeiro e a nós. Apresentamo-nos e dissemos que estávamos ali na esperança de afinar o violão... Missão cumprida! O dono do bar afinara o violão e fomos presenteados com uma corda nova. Dissemos que tínhamos mais um violão que precisava de um jogo de cordas. O vizinho, além de nos indicar onde comprá-las, convidou-nos a voltar com o outro violão. Agradecemos nosso violeiro e, no caminho de volta, encontramos o dono do violão e um amigo, um tanto agitados e desconfiados, a nossa procura. Ainda no trajeto de volta, visualizamos um ponto de venda de crack. Nossos acompanhantes seguiram seu caminho enquanto eu e a trabalhadora a quem acompanhava fomos convidados a parar pelo olhar de um senhor bastante magro que ostentava muitas feridas pelo corpo. Ele nos mostrou suas feridas. Levantou as pernas das calças, mais feridas. Fez menção de tirar a camisa, mas disse que não queria nos assustar. Minha companheira perguntou se ele queria ajuda, se gostaria de algum acompanhamento, que indicássemos algum lugar onde ele pudesse usufruir de cuidados ou que lhe déssemos algum auxílio. O senhor nos agradeceu, nos olhou e disse, com calma segura, que era portador de HIV, hepatite e diabetes e que, havia muito, abandonara seu corpo, agora estava “tentando salvar sua alma”.

Saí de lá com uma grande sensação de impotência, de vazio, de vertigem. Meu aprendizado: o cansaço. Aquele homem expressava, a meu ver, uma relação de extremo alheamento ao próprio corpo ou, como disse a trabalhadora, expressava uma postura de “alimentar suas feridas abertas”. Ainda nas falas da trabalhadora, a lição de que a tarefa do “acolhimento” é uma tarefa de dedicar tempo. Em frente à “Escola”, nossos outros companheiros de caminhada nos esperavam. E lá, a meia quadra da casa 6, onde acontecia a festa, o violeiro, um tanto desconcertado, pediu ao dono do violão para nos oferecer uma música.

As visitas ou os acompanhamentos a moradores do SRT iniciaram dispersos, ora buscando estar minimamente com aqueles com os quais tive um contato mais intenso nos meses de estágio, em 2009, ora me disponibilizando a acompanhar alguma trabalhadora ou residente em tarefas cotidianas, como saídas para compras e passeios ou ainda em consultas médicas ou odontológicas.

A propósito de uma possível reabertura da oficina de teatro por uma trabalhadora do “Morada”, prática de lazer desenvolvida no espaço da casa 1 por uma trabalhadora recém aposentada, houve um convite, em reunião, por parte da propositora, para que a acompanhássemos com os moradores até a direção do HPSP. Na data combinada, em meados de julho, nos reunimos na casa 1. Fomos à casa de alguns moradores lembrá-los ou convidá-los para o encontro. Já reunidos (a propositora da oficina, cinco moradores do SRT, um residente e eu), garimpamos roupas, acessórios e maquiagens da antiga oficina de teatro e começamos uma produção. Maquiamo-nos, pedimos a opinião uns dos outros sobre as caracterizações e as maquiagens, conversamos sobre a ida ao HPSP, ao que todos, exceto a dançarina, assentiram. Esta repetia algumas vezes: “não vou”. Enquanto o pandeirista, já maquiado e com seu sorriso largo, puxava canções, começamos a nos organizar para sair. Quando me propus a puxar uma música, outro morador veio me dizer que a dançarina queria se arrumar para ir conosco. Ajudei-a na seleção de alguns tules coloridos, maquiagem e acessórios.

Prontos, começamos nosso trajeto pela vizinhança, passando pela escola, indo até a rua da casa 6, em direção ao Hospital. No caminho, Eve perguntou-nos aonde íamos e resolveu nos acompanhar. Éramos uma intervenção visual no espaço, uma intervenção visual, sonora, ambulante, por espaços. Panos, roupas, sons, andares, cores, canções, maquiagens. Especialmente para o pandeirista, o movimento todo parecia fazer muito bem: o encontro, a alegria na possibilidade de musicar, soltar sua voz tão presa, o fazia abrir-se em sorrisos, dividir-se em música. Ao fim do trajeto, fomos recebidos por funcionários da direção do Hospital, aos quais nos apresentamos. O pandeirista e Eve foram convidados a cantar algumas canções. Ao fim do nosso passeio-intervenção, no desencontro com o diretor do HPSP que, segundo a trabalhadora, iria nos receber, voltamos ao “Morada” e a trabalhadora nos convidou a um novo encontro na próxima semana.

Na semana seguinte iniciamos novas movimentações em torno de agregar alguns moradores do “Residencial” para novamente trabalharmos as caracterizações e irmos até o espaço da “Escola”. Lá, a trabalhadora colocou algumas músicas. Alguns moradores conversavam, outros observavam e alguns poucos ensaiavam passos de dança. Meus olhares estavam atentos, captando os esquemas de trocas (conversas, olhares,

entusiasmos, movimentações, disponibilidades, vontades): nesse esquema, percebi que as dispersões eram diversas e que três moradores em especial possuíam motivações particulares que, em meio a dispersões do grupo reunido, buscavam espaço de expressão, aleatoriamente, em desordem, não encontrando, nessa dispersão, espaço suficiente para expansões. Estes moradores eram Eve, o pandeirista e a dançarina.

A partir da semana seguinte, questões relativas à internação de um morador do SRT (o andarilho), do qual a propositora da oficina de teatro era referência, fizeram a dinâmica esmorecer. Propus que nos reuníssemos novamente na escola, na semana seguinte, com interesse de nos mantermos abertos ao movimento, à permissão de momentos inventivos, apreensões mais duráveis que dessem conta de arregimentar as produções ainda tímidas de alguns moradores. No dia anterior ao encontro, visitara alguns moradores a fim de reforçar o convite para a tarde seguinte.

Na casa da dançarina, me demorei um pouco mais. Ela, repetindo um comportamento já percebido em outras ocasiões dizia que não iria ao encontro. Num salto, surpreendendo-a, inicio um jogo de intensidades de falas. Duvidava de seu “não vou”, provocava, sorria, ao que ela respondia com sorrisos, ainda repetindo que não iria. Me disse, então, que gosta de cantar, que queria cantar. Pedi que cantasse. A dançarina inventa músicas: alguns trechos são ininteligíveis, mas, no mais das vezes, canta o cotidiano, a solidão do quarto, o sabor da comida, o amor. Depois de cantar, me convidou para ensaiar danças para o dia seguinte: desejo! Concordei imediatamente. Antes de começarmos, ela propôs que fôssemos até uma das unidades do HPSP chamar uma amiga sua para dançar conosco. Caminhamos. Ao chegar à Unidade, sentiu-se intimidada por outra moradora do HPSP que estava na porta, decidiu voltar, não quis mais dançar. Combinamos a dança para o dia seguinte. Caminhar e cantar foram dois bons exercícios, de liberdade, de vontade.

No dia seguinte, apesar da correria pelas casas, éramos novamente cinco no espaço da “Escola”. A dançarina relatou que dessa vez conseguira convidar sua amiga do HPSP, mas não obteve permissão para que ela saísse do espaço hospitalar, passasse pelos guardas e fosse até o “Morada”. Nesse dia, conseguimos organizar um pouco melhor o espaço: por sugestão dos participantes, alternamos as músicas do rádio e as canções puxadas por Eve e

pelo pandeirista. Enquanto isso, as danças tímidas da dançarina e de outro morador que, com movimento e fala bastante limitados, tomavam corpo. Propus ridiculamente passos que contemplassem variações de energia, de movimentações no espaço, a que os dois dançantes responderam, numa brincadeira livre. Nossos cantores e outra moradora que veio para observar e conversar, sorriam, divertiam-se.

A partir desse dia, pelo número de canções que começavam a surgir e a disponibilidade do trio, investi em passeios com o pandeirista e a dançarina até a casa de Eve, convidando, eventualmente, algum vizinho interessado em participar das reuniões. Este espaço tornou-se mesmo um ponto de encontro. Para mim, ponto de apoio onde comecei a participar das relações mais íntimas dessa moradora com a diarista, cuidadora em tempo integral, o calado senhor que dividia com ela a casa. Comecei a desenvolver um trabalho de acompanhamento com Eve, atravessado pelo nosso interesse comum pela música, desenvolvendo uma relação de proximidade, de escuta a suas queixas, receptividade a seus sonhos, seus gritos, seus sussurros, e a contínua demanda por “dentes novos”, que nos levou a trânsitos tontos e nada resolutivos por pelo menos quatro serviços públicos de saúde. A dançarina nos acompanhava em poucos dias. Em muitos deles, ficava apenas um pouco, parecendo carecer de atenção mais individualizada para sentir-se à vontade. O pandeirista também não estava sempre presente nos encontros, mas aceitava, frequentemente, convites para caminhadas. Entre outras visitas e trânsitos, as casas destes moradores tornaram-se ponto de passagem constante. A dançarina, frequentemente, chorava deitada em sua cama, reclamava de dores, falava de uma suposta gravidez, reclamava das “vós”, com quem dividia a casa.

Nessa redução dos espaços de encontros, iniciei uma aproximação mais intensiva com Eve, percebendo mesmo um encontro de desejos em comum. Éramos dois livres cantantes e nos ensinávamos músicas, ou simplesmente nos propúnhamos a ouvir um ao outro cantar. Sorríamos, conversávamos longa ou desconectadamente sobre amor, dependendo de seus humores. Do pandeirista, relato apenas a relação afetuosa que se criou. Uma relação de troca de abraços e sorrisos, de cochichos quase incompreensíveis, de convites para passeios, de conversas minimalistas e trocas de olhares em meios fios de avenidas e perguntas frequentes sobre quando nos veríamos de novo. O pandeirista é puro coração.



Doava-se ao ponto de que era eu, em muitos encontros, que me sentia acolhido, acalentado, no convite de um sorriso aberto e de abraços de colar testa com testa. A felicidade de fazer música, de dividir sonoridades, foi o que muitas vezes me possibilitou ouvir essa voz trancada, não num movimento de demandas, mas de compartilhamento de alegria.

Quanto à Eve, prefiro deixar o registro que leva seu nome como narrativa fiel deste encontro, no intuito de emprestar outras cores a essa figura de mulher desejanter, que muito compartilhou, com sua voz rouca ou estridente, as canções que decorou ouvindo rádio, cultuando sua “memória musical” em décadas de uma ponte sonora com o mundo exterior, com seu mundo interior.

As carências diversas do espaço, de composição coletiva e inventiva do cenário de cuidado, esbarravam sempre no número diminuto de trabalhadoras, em geral bastante desgastadas e preocupadas com as capturas cotidianas numa demanda de prescrições de serviço: cada uma com relações financeiras diárias, sujeitas a prestação de contas, demandas alimentícias, de cuidados diários (num amplo panorama, dependendo das demandas e capacidade de autogestão da vida de cada morador), de organização da vida doméstica, de acompanhamento em consultas, ao mercado, controle e distribuição de medicação. Estas atribuições configuram uma lógica cotidiana de serviços muito implicada em demandas de urgência, numa sensação constante de sobrecarga, de cansaço. Nessa lógica de trabalho repetitiva, há um borramento das funções especializadas, o que, em saúde, pode ser uma ótima perspectiva em um redimensionamento da divisão de tarefas, compartilhamento de funções, atravessamentos em práticas até então, vistas como especializadas, num desenvolvimento conjunto de competências.

Longe de alcançar este patamar, a lógica do serviço apagou as funções das especialidades, tornando as trocas e o borramento das fronteiras um trabalho dispensável, simplesmente por não haver investimento em práticas distintas a serem atravessadas. No lugar, entretanto, uma prática homogeneizada, reproduzindo uma lógica hospitalar hierarquizada sem, contudo, realmente assegurar os diversos atributos profissionais específicos nessa hierarquização. A hierarquização se dá pelo nível de escolaridade das trabalhadoras,

havendo uma divisão de trabalho em “referências” (cuidadoras responsáveis pelas demandas cotidianas dos moradores) e “referências técnicas” (cuidadoras responsáveis por serviços mais burocráticos, atravessamento na gestão de recursos, consultas etc.). Estando as “referências” subordinadas às “referências técnicas”, as profissionais com educação superior podem exercer as duas funções, inclusive, concomitantemente. Já as profissionais que não possuem formação acadêmica, podem apenas assumir a função de referências.

Nas propostas teóricas que orientam a abertura e construção de uma rede substitutiva está sua inscrição numa linha de cuidado implicado na produção de vida, na composição de “projetos terapêuticos singulares”<sup>2</sup> para os moradores. Do contrário, corre-se o risco de uma incorrência no modelo asilar, segregador, apagador de expressividades.

A inscrição no “Morada”, cenário em ativa emergência, em ativa sensibilização, buscando escutar os fluxos, participar da escuta e encaminhamento de demandas de seus moradores, bem como dos moradores do HPSP e da Vila São Pedro, apontou o mapeamento de espaços possíveis para proposição de oficinas, para o engendramento de “projetos de vida”. O serviço em questão conta com a estrutura física de 27 casas, em princípio, destinadas à moradia. A casa 1, casa de reuniões e atividades diversas, tem a mesma estrutura das demais, bem como a “Escola”. Os espaços são diminutos para qualquer atividade de grupo e mesmo as reuniões de condomínio, em desuso nos últimos tempos, não têm um espaço adequado para acontecerem. Na pesquisa de espaços, acompanhado pela trabalhadora minha parceira que me havia levado à primeira incursão pelos caminhos da Vila, conhecemos o presidente da Associação de Moradores da Vila São Pedro que nos apresentou um espaço na Av. Ipiranga, aberto em poucos turnos e o Serviço de Apoio Socioeducativo, onde há atendimento diário a crianças da vizinhança. Uma proposta pensada nessa circulação e troca de ideias foi a proposição de oficinas por todos: trabalhadores, residentes e moradores. Assim, seria possível mapear interesses, perceber quais atividades teriam um desenvolvimento mais vultoso, o que poderíamos manter como propostas de lazer e mesmo de geração de renda, num sonho alto da construção de uma

---

<sup>2</sup> Os “projetos terapêuticos singulares” são desdobramentos da noção de “clínica ampliada” que prevê uma corresponsabilização entre usuários, trabalhadores e gestores nas práticas que compõem a atenção à saúde. Uma aposta na produção de “vínculos solidários” e “participação coletiva nos processos de gestão” (MS, 2008).

Cooperativa Social, lançado pela trabalhadora em questão. Nossos trânsitos, preocupações, demandas e falta de mobilização coletiva levaram os planos a um abandono provisório.

Uma próxima iniciativa, esta mais feliz, partiu de uma mobilização desta mesma trabalhadora que contactou a Fundação Zoobotânica no intuito de fazer uma parceria para uma série de oficinas que dessem conta de dar uma base sobre as plantas medicinais a trabalhadores e moradores do SRT e, possivelmente, expandir as atividades de plantio e cultivo de um horto aos moradores do HPSP. Esta ampliação que já era pensada quando da iniciativa de mapear espaços para oficinas, parecia óbvia. As atividades em grupos, especialmente em espaço aberto, são convidativas e podem ter um número ampliado de participantes. Se verificávamos entraves na instauração de planos de ação individuais e coletivos dos quais os moradores do “Morada” pudessem se beneficiar, os moradores do Hospital também careciam de cuidado ampliado, no sentido de conformar projetos de vida implicados na detecção ou mesmo no contágio de uma condição de vida desejante. Apesar das visitas ao Jardim Botânico, ao horto da Fundação Zoobotânica, num movimento que conseguiu agregar algumas trabalhadoras e moradores diversos do SRT Morada São Pedro, o trabalho no HPSP foi vetado. Não estava permitido desenvolver o olhar ou agenciar práticas nesse espaço que se pretende um espaço em extinção. Isto seria uma “inversão da seta”, da meta de buscar fora dos muros, por reivindicar espaços de produção no interior dos muros. A sectarização do olhar dentro-fora não visualiza no “dentro” zonas de fora, como se o fora não emergisse das próprias subjetividades agenciadas. O fora, nessa perspectiva não compreende uma zona de educação e contágio, uma disseminação da diferença, assemelha-se mais a um lugar, a um território estanque e não às ações que o compõem. O “território” negado segue proliferando a si mesmo, não compreendido, não amplamente infiltrado, não transformado. As lógicas quando inscritas num espaço representacional não permitem transformação. Não haverá estranhamento enquanto não houver atravessamento por práticas inovadoras, transformadoras, possibilitadoras de criação. Lógicas instituídas não têm dissolução se não há liberdade para a invenção, se não há acolhimento a iniciativas, se não há uma infiltração que permita ao coletivo agir e compor, emprestar força desejante, movente, ter suas manifestações acolhidas.

**ENTRE-ATO I**

Munido de seu chinelo, de uma pequena bolsa em que guarda, talvez, seus tesouros – certamente algumas carteiras de cigarro, um isqueiro, as chaves de seu armário, talvez algum dinheiro e outros pequenos objetos – ele traça seus caminhos... explora a vizinhança inteira, coleta garrafas plásticas com as quais consegue algum trocado para mais cigarros. Seu trânsito não tem horário. Gosta de andar à noite, pela madrugada, embora em algumas delas prefira ouvir música em casa, a um volume insuportável para os vizinhos! Esse personagem dissonante, mais um dissonante, é acolhido por algumas criaturas da noite. Em suas falas quase ininteligíveis, uma vontade imensa de comunicar, de dividir, de se fazer entender, enfim, de ser escutado. Pode ser que volte aborrecido pra casa, por algum desentendimento nas andanças ou por ter sido chamado de “boneca”. Troca de pedras ou outros conflitos são corriqueiros! Mesmo assim não deixa de caminhar, de ser ávido pela rua, pelas esquinas e ruelas tortuosas, de chão batido! Na sua paisagem o lixo, fonte de trabalho de muitos vizinhos e sua, mesmo que minimamente! “Não mexa no lixo alheio!” – dizem algumas vozes. E sente-se grato quando alguém se lembra de presentear-lo com garrafas plásticas. Tem um sorriso aberto, com uma grande “janela” frontal... às vezes anda cabisbaixo, entristecido; outras vezes agitado, fala muito – a mesma frase, repetidas vezes, num volume alto de vogais alongadas e mal articuladas –; e há momentos de largos sorrisos, humor afiado, desembaraço.

Pois. Tropeça nosso caminhante. Ou teria sido empurrado, agredido? Ameaçado de morte? As confusões repetitivas em que se envolve tornam difícil algum atravessamento resolutivo. Além disto, nosso andante nega-se, constantemente, a tomar sua medicação no turno da noite... segue agitado, é acusado de mexer no lixo alheio, é personagem de vários confrontos armados de pedras! Apesar do desgaste de muitos, segue difícil engolir a medicação controlada e também fazer de seus trânsitos, trânsitos aceitáveis. Distúrbio da ordem! Falha da palavra de ordem. O desgaste de sua “referência”, cuidadora que o acompanha, faz com que surjam outras acolhidas, outros interessados em diluir tensões. Estes se colocam, os dois, à disposição para ajudar em qualquer fato observado. Agora são três numa combinação de cooperação.

Tropeça nosso caminhante, ou teria sido empurrado, agredido? Ameaçado de morte? Desgastada, nossa primeira cuidadora decide por uma internação! Será necessária uma

correção? Um ato protetivo? A dupla de colaboradores é acionada no intuito de ajudar a pensar a situação? Por acaso estou presente no momento em que a “referência” do andarilho chega a uma resolução. A internação está decidida, os atravessamentos não são suficientes e lá se vai nosso andarilho, em direção ao HPSP, com os dedos dos pés em carne viva e o joelho esfolado. O próximo passo é a discussão em coletivo, na próxima reunião de equipe. Por que privar alguém que foi agredido de sua liberdade? Pelo peso de uma suposta ameaça de morte? Há demasiadas críticas à situação, especialmente pela combinação desfeita, falha, insuficiente. Perguntamo-nos se não é hora de traçar alguma estratégia coletiva, alguma intervenção mais de perto com o nosso explorador, quando for liberto, dado que, supostamente, seus desejos e trânsitos não mudarão. A internação não tem esse poder. Depois da discussão coletiva, o suposto grupo de colaboração se reúne: são três. Sou convidado para a conversa por ter estado presente no momento em que a combinação foi desfeita. Tentamos uma quebra de gelo. Há um peso de crucificação nos comentários da reunião de equipe. Recordamos as combinações, o movimento necessário de compor, de pensar-agir em coletivo. Tentamos, numa acolhida, entender a atitude da “referência” como uma atitude de cuidado, de proteção, embora reforçando posições contrárias à internação, cada qual apontando algumas direções, num discurso dissonante, mas construtivo. É importante que nos mantenhamos próximos, resolvamos o estranhamento, consigamos construir, produzir juntos em outras diversas situações. O intuito é conscientizar, apaziguar e seguir na tentativa de composições... toda dor tem seu tempo de cura. Em outro momento, nosso andarilho, dentro de seu espaço de paredes, nos recebe com sorrisos, pergunta se pode voltar pra casa. Agora há um trânsito burocrático, um tempo predeterminado delimitando nossos atravessamentos. Horários de visita, período mínimo de internação. Nada de cigarros!

Eu e a cuidadora (minha parceira) que se dispôs a ajudar nas intervenções junto a nosso agora cativo andarilho, andamos pela vizinhança, tentamos reproduzir seus trânsitos. Falamos com catadores, “aviões” das bocas de crack, crackeiros perambulantes, crianças, moradores, pequenos comerciantes, em busca de saber sobre os impulsos de um tropeço. Todos foram receptivos, todos disseram conhecer nosso caminhante. Alguns sorriam, repetiam seu nome, perguntavam sobre a internação, sobre seu retorno. Havia afeto!

Alguns relatavam tê-lo visto ferido, mas não o verem ferir-se. Um casal de catadores relatou ter se incomodado com ele algumas vezes por terem sido roubados, mas disseram que há algum tempo já não eram perturbados, que conseguiram contornar a situação e pareciam preocupar-se com a internação. O acidente não tinha explicações concretas. Apenas relatos nervosos e um tanto confusos do próprio ferido.

Seu esperado retorno provocou atenções, mais tensões. Houve implicação nos primeiros momentos, mas nada resolutivo! Ainda os mesmos trânsitos, os mesmos desejos, os mesmos desajustes. Alguns incidentes mantiveram tensões entre vizinhos, ameaças de pedras e até de morte, dessa vez, declaradas. Uma longa conversa com as vizinhas queixosas firmando o compromisso de resolutividade e disponibilidade para outras conversas ampliou compreensões, redimensionou a situação. Neta intervenção firme, as mesmas duas trabalhadoras envolvidas na combinação aqui relatada conseguiram, finalmente, compor, agir em parceria. Nossa história é, em verdade, infinda, pois segue andando a vida, seguem pulsantes os desejos, os apegos, os desapegos, as vontades.

Em meios tempos, em deslocamentos, há uma troca de “referências”. A cuidadora que se pusera a disposição para cooperar nas crises de nosso personagem central torna-se sua “referência”, e, logo, mais confusões. Aproximadamente dois meses depois da internação aqui relatada, outro cenário de agressões, agora mais concreto. Dessa vez, o cenário é a própria casa onde mora o caminhante. O agressor, ele próprio. Ao chegar ao “Morada”, pela manhã, alguns ouvem a notícia e vão verificar o que aconteceu. Briga por cigarros, desentendimentos, acusações de roubo, descontrole. Um pedaço de ferro foi violentamente usado para agredir um de seus três companheiros de casa. Acusado de roubar um isqueiro e alguns cigarros, um senhor assustado, foi agredido com um cano de ferro. Sua mão direita sangrava, estava inchada, roxa. Havia outras marcas de agressão na lateral do tronco. Havia constrangimento, medo, angústia. O caminhante tentava se defender, agitado, dizendo repetida e distorcidamente que fora roubado, ao tempo que afirmava que não repetiria o ato. Pelo menos três ou quatro trabalhadores (entre fixos e volantes, trabalhadoras, residentes e colaboradores) conversam juntos ou separadamente com o algoz. Conscientizar o ato, este era o movimento. No ar, a promessa de não repetir!

Era dia de reunião de equipe e a notícia já corria. A cuidadora responsável parecia eufórica. Preocupava-se em achar outra casa para o andarilho. Preocupava-se também em proteger o agredido, deixá-lo confortável, sossegado, livre da presença amedrontadora do companheiro. A aposta da equipe era buscar outro espaço de internação que não o HPSP, abrir novos caminhos, procurar auxílio em outro espaço. Havia, no momento, diversos atravessamentos marcando a negação do espaço manicomial, o encontro de novos trânsitos, fugindo do espaço que se prestou, durante anos, ao asilamento dos moradores do SRT Morada São Pedro, bem como a algumas internações, quando julgadas necessárias. Como sem saber a quem atender primeiro ou como se desdobrar para prestar cuidado às duas partes envolvidas no episódio, pairava nossa agitada trabalhadora. Na casa 1, casa de reuniões, a equipe definia que a internação seria feita em outro serviço de saúde. Éramos muitos na reunião, inclusa a presença da gestão. A cuidadora “referência” caminhava da casa do conflito à casa de reuniões desatinadamente: tinha compromissos domésticos no meio da tarde, vislumbrava pela frente um feriado, um fim de semana, a organização de uma nova casa para o caminhante. Confusão. Sugeriu, verbalizava, a vontade de levar o caminhante ao HPSP. Em contrapartida, a equipe sugeriu que ela prestasse cuidados ao agredido – alguém seria designado para efetuar a internação. Um trabalhador do HPSP, recém-cedido ao “Morada”, ou duas residentes que se prontificavam a encaminhar a internação pela parte da tarde. Combinação feita: primeira opção de internação, o outro serviço, segunda, HPSP.

Alguém sussurrou que o serviço eleito tinha uma sala de observação e um regime de, talvez, três dias: o que resultaria, se assim fosse, em um retorno no final de semana, quando o serviço funcionava apenas como plantão (apenas uma trabalhadora no serviço). Nova morada? Plano de intervenção com o morador? Às 14h, as duas residentes esperavam o táxi, quando fomos informados que os chinelos do andarilho o conduziram à rua: o táxi foi dispensado. Tempo para pensar. Somos 6 ou 8 na casa 6, ponto de encontro das trabalhadoras. Comecei a retomar a possibilidade de tentarmos a internação no HPSP. Fui lembrado da combinação, mas ainda assim não conseguia parar de me perguntar sobre o outro serviço e seus procedimentos de trabalho. Era um trânsito desconhecido, um serviço com o qual não tínhamos atravessamento algum. Preocupava-me a ideia de levá-lo para lá.



O discurso contra o manicômio não conseguia me fazer acolher a ideia de um espaço estranho, distante para qualquer intervenção que eu enxergava como protetiva, de cuidado... apesar de paradoxais, eram essas minhas sensações. Depois de alarmarmos o desejo de saber por onde andavam seus passos, veio da vila o aviso de que estava nas redondezas o caminhante. Fomos, eu e uma das residentes presentes, ao seu encontro. O encontramos sentado, olhando para a avenida, os olhos vidrados. Não conseguíamos construir uma comunicação suficiente para esclarecer seu sumiço, mas seus olhos nos falavam de sensações, intuições, ou apenas do conhecimento dos trânsitos instituídos: ele sabia que seus atos o levariam a ser internado. Tentávamos resgatar o fato observado da agressão, mas o diálogo seguia confuso. Eram quase 16h, as opiniões estavam divididas, havia alguma agitação. Decidimos contatar um médico do serviço de admissão do HPSP, porta de entrada das internações. Subimos, eu e duas trabalhadoras – recém-chegadas no serviço. A essa altura, a “referência” precisou nos deixar. Quando a médica psiquiatra nos enxergou, disse que a conversa não era com ela, que estava cobrindo o turno para um colega e que já estava de saída. Afirmamos que nosso intuito era de tomar orientações, não fazer uma internação.

Quando explicamos a situação, ela falou que não haveria médico para o plantão noturno na “admissão”, portanto, não seria possível receber nosso morador. No registro da pressa, mais confusão. O dia seguinte seria um feriado, já eram quase 17h e a médica nos disse que podia até nos arranjar uma ambulância até o outro serviço em questão, mas, se não conseguíssemos a internação, estaríamos descobertos pelo HPSP na parte da noite. Tentamos ligar para alguns gestores. Quem nos atendeu foi o mesmo que estava presente na reunião da manhã. Afirmando que não era o ideal, endossou a internação no HPSP, nossa segunda opção. O procedimento de internação envolveu diversas figuras. Apenas uma trabalhadora e uma residente conseguiram participar da conversa com o residente de psiquiatria que assinou a internação. Antes disso, a médica disse que estávamos mesmo precisando de ajuda, pois parecíamos ter trazido toda a equipe para a internação. Era um momento confuso. Nós todos queríamos estar próximos. Já na sala de enfermagem, ainda na “admissão”, seguranças se mostraram dispostos a “conter” nosso andarilho para que recebesse a medicação, movimento dissuadido por uma conversa amigável. Aguardamos

uma ambulância que deveria levá-lo à Unidade Mário Martins (masculina). Agora queriam nos convencer que seria adequado forjar uma volta para casa de ambulância, para facilitar a ida à unidade de internação. Mais uma conversa fez aparecer certo deboche e, com algum esforço, conseguimos contratar que iríamos caminhando até a unidade. Pequenos furos em trânsitos instituídos. Em nosso trajeto, éramos nove. À frente, a certa distância, dois guardas. Logo, as duas trabalhadoras recém-chegadas e uma residente. Eu e outra residente acompanhando o andante, com a tarefa de “não deixar com ele nem um palito de fósforo”. E, por último, a certa distância, mais um guarda. Quase não falávamos. Deveríamos pedir-lhe sua pequena bolsa, sempre à mão, mas tudo o que consegui fazer foi pedir-lhe emprestado o isqueiro para, em seguida, devolvê-lo. Ao chegar à unidade, mais dois guardas que faziam plantão junto ao portão que desemboca no SRT. Havia uma tensão de cinco corpos prontos a executarem uma “contenção”. Pedimos, insistentemente, que o caminhante colaborasse, entregasse-nos suas coisas e entrasse. Sua reação foi encostar-se a uma árvore e afirmar que iria fugir. Eram praticamente dois círculos. Nós, mais próximos, os guardas, mais distantes. A certa altura, uma trabalhadora da unidade aproximou-se, no intuito de conversar, colaborando para os nossos esforços não parecerem vãos. As tensões aumentaram e os guardas foram se aproximando. O movimento foi tão abrupto que não consegui distinguir de onde vieram as amarras de “contenção”. Ao chão, nosso mais uma vez cativo, dizia que iria sozinho.

Muitas inexperiências agrupadas. Éramos cinco voltando ao “Morada”. Eram quase 21h e a lua ia alta. Na ida pra casa, cada um com uma angústia. Só o caminhante não voltaria pra casa naquela noite. Na reunião de equipe seguinte, alvoroço. Alguns dedos apontados. Acusações de cisão de equipe apontam como “culpada” a “referência” que havia, ainda antes da internação, deixado o serviço. Pouco respeito às manifestações, pouco exercício de acolhimento, de conscientização, de apaziguamento e apontamento de composições. Uma única voz exaltada conseguia, por momentos, abafar e oprimir as demais. No ar, tensões e mais tensões. Muitas coisas engolidas, poucas compartilhadas. Pelo menos uma das presentes no ato da internação, tentou tomar para si uma possível culpa, mas a “culpada” já havia sido encontrada. Assim os fatos me aparecem na lembrança, assim consigo iluminá-los agora.

Na manhã seguinte, no intuito de diluir tensões, dar visibilidade ao lugar comum em que nos encontrávamos, apontaria no horizonte outro andarilho, espalhando uma canção e aromas de folhas. As folhas, a serem presenteadas pelas trabalhadoras participantes da intervenção, foram, em sua maioria, presenteadas à “referência” que fora acusada, num gesto de solidariedade, pois muitas haviam já se sentido naquele mesmo lugar. Nos dias que se seguiram, algumas visitas à unidade. Praticamente todos os dias de internação foram cobertos por alguma visita. Nessa entrada em uma unidade de internação, muitos apertos de mão. Muita demanda de atenção. Longas conversas com o andarilho cativo: trazer à consciência a agressão, combinações sobre possibilidades de mudança de casa, perguntas sobre o amigo ferido, algumas dinâmicas propostas por sua “referência” ao grupo de internos, no pátio interno da unidade. Nesse movimento, ouvimos muitas histórias. Encontramos o sorriso de janela e a vontade de voltar para casa.

Em poucos, dias, certamente num tempo mais curto do que o tempo mínimo de internação, o caminhante estava em casa. Poucos souberam da notícia, poucos acompanharam de perto os registros de internação e alta. Poucos realmente interessados em prestar algum auxílio à situação. Muitos ocupados em críticas a uma possível repetição. Repetição de um trânsito há anos instituído. Nossa história é, em verdade, infinda, pois segue andando a vida, seguem pulsantes os desejos, os apegos, os desapegos, as vontades.

## **EXPRESSÕES DO COLETIVO**

Através de um deliberado convite à escuta de outras vozes, transcrevo, livremente, falas de outros implicados nos processos de (trans)formação nos serviços de saúde. As vozes aqui transcritas partilharam suas visões e sugestões em roda de conversa proposta pela Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul, aberta à participação de outros núcleos de atuação profissional em saúde, na tentativa de dar conta de demandas surgidas nos espaços de formação e nos campos de práticas de saúde. Ao convite feito por amigos, residentes da ESP, alocados em serviço no HPSP, assentimos, eu e minha parceira do SRT

Morada São Pedro, indo compartilhar do momento de discussão sobre a reestruturação das Residências Multiprofissionais, aos nove dias do mês de setembro de 2011. Abriram-se diversas rodas, em salas separadas, e nos propusemos a participar daquela sobre formação em serviço. Os atravessamentos aqui relatados estão inscritos na pauta “transformação nos serviços de saúde” e dão conta de traçar um panorama que situa a desordem em que nos encontramos.

A roda, iniciada com alguns minutos de atraso, é aberta com queixas, perguntas sobre que horário terminam as discussões, dando um tom tenso ao início de um encontro que nem havia bem começado. Seguem algumas falas registradas livremente:

Devemos pensar a missão da atenção à saúde como uma reflexão importante também na missão das Residências.

Como as instituições podem oferecer suporte aos residentes para o processo de resistência e criação?

A tarefa de mudanças é do coletivo (residentes, trabalhadores, gestão).

A Residência deve ser um balizador na avaliação dos serviços e no direcionamento das práticas. Entendendo que se deva passar por um resgate da missão dos serviços para reconfigurar as práticas. Há uma dureza sentida pelo trabalhador de deixar-se transformar, permitir transformações no trabalho, lidar com o novo. Devemos estar abertos à inserção de outros profissionais nos serviços a partir de práticas integrativas.

Há necessidade de fomento à educação permanente dos formadores dos residentes e das equipes de saúde.

Na constatação de embates entre trabalhadores e residentes, devemos ainda buscar a criação de espaços de trocas para construção coletiva de caminhos sem tantos atritos.

A gestão deve dar suporte ao trabalho através de apoio institucional.

Há carência de atenção às dificuldades encontradas em serviço pelos residentes.

É preciso que se sensibilize a gestão a participar das rodas de

discussão.

O nó em que nos encontramos é a dificuldade de mudança de paradigma.

Estas falas dão conta de cobrir olhares e demandas de urgências para que a formação em serviço tenha atravessamentos mais amplos nas realidades pulsantes, para que haja mobilidade nos espaços de trânsitos, para que os trabalhadores dos serviços de saúde sejam convocados a serem agentes dos movimentos de transformação numa apropriação coletiva de desejos e dos territórios vibráteis, em transformação constante pela multiplicidade e acolhimento de expressões.

## ENTE-ATO II

Espelho  
(Xande Mello/Eduardo Pitta)

Vou pintar com um tinteiro  
O brilho do seu olhar  
Pra não ver o meu desejo  
Na tua frente cintilar  
Vou pagar o jangadeiro  
Pro rio me atravessar  
E perder seu paradeiro  
Sem nem pra trás me virar

Meu furo no miaero  
Minha planta pra vingar  
Meu bolso sem dinheiro  
Meu sol de alumiar  
Meu dedo no formigueiro  
Espei de quem não quer se oiá  
Meu dedo no formigueiro  
Espei de quem não quer se oiá

Na folha do carvoeiro  
Ver meu ouro em seu olhar  
Fazer de ti meu espelho  
De cacos pra me cegar  
Ser cantador violeiro  
De moda pra te encantar  
Assum preto no viveiro  
Sem canção pra entoar  
Assum preto no viveiro  
Sem canção pra entoar

Meu repente sem resposteiro  
Minha quadra sem rimar  
Laço de passarineiro  
Pedra de se amarrar  
Minha pimenta de cheiro  
Meu cangote pra abraçar  
Faca afiada de peixeiro  
Espei de quem não quer se oiá  
Faca afiada de peixeiro  
Espei de quem não quer se oiá

Querer brincar com vespeiro  
É se ver em outro olhar  
Querer brincar com vespeiro

Nos zói de outro se encontrar  
Querer brincar com vespeiro  
Se perder em novo olhar  
Te reformar no vidraceiro  
Espeio de se mirar  
Faca afiada de peixeiro  
Espei de quem não quer se oiá  
Chocaio de feiticeiro  
Espei de quem não quer se oiá  
Assum preto no viveiro  
Sem canção pra entoar

A canção, aos pedaços, ecoou nos espaços entre paredes, nas ruas, entre corpos. O andarilho cantador pisava o chão com seus pés descalços e, enrolado em panos cor de terra convidava horizontes matizados de rosa no esforço de dar a conhecer que o céu, como seus pés, tocava a terra. Alguns espiavam nas janelas, outros saíam às ruas emprestando-se a trechos daquela canção desconhecida, que entoava cores de transformar. A própria presença, naquele espaço, do homem de pés no chão, criava um novo espaço. A expressão criava um novo espaço. Os passantes eram expectadores, encontravam outra atmosfera em lugar tão conhecido. Estranhamentos, sorrisos, sobriedade, espasmos, vertigens. O encontro da paisagem com o passante atingia um possível. Talvez, em cada um, um possível, num encontro de fruições criadoras, com sons de “desterritorialização”. Pés no chão que tiravam os demais pés do chão que, no momento oportuno, se entendiam “reterritorializados” no convite da nova expressão: novas reações! Ao fim da caminhada, ainda distribuindo os últimos versos da canção, seus olhos, de olho em olho, sua mão, de mão em mão! O tecido terroso foi estendido no chão, outro chão, cantado, pisado, matizado. Reverberando os ecos da canção em cada corpo, cada outro corpo, preme das novas vibrações! Os olhares temem se aproximar: reconhecem a figura, o rosto sobre a cabeça, olhos, pés, mãos, mas sentem-pensam outra figura. Transfigurado, o estrangeiro deita ao chão vinte livros, convida os fruidores a desbravarem vinte vozes, vinte mundos, a emprestar suas vozes a esses mundos, compartilhando palavras que vibram em cada corpo, mais ou menos atento, mais ou menos disperso, compondo cada mundo a seu modo. Para cada leitor a seu tempo, o andarilho presenteia uma massagem de ervas ao pulso, fazendo



sentir o aroma; depois, mais uma folha: esta última para ser presenteadada a alguém.

Canção, pés descalços, vozes revelando universos, escuta, aromas, presentes! A dispersão é natural. Outros chegam a tempo apenas de ver o rosto conhecido recolhendo livros do chão, sobre o tecido cor da terra! Neste caso apenas um pequeno estranhamento. Cada qual com suas sensações, com seus corpos, talvez alterados, mesmo que por instantes, segue sua direção. O convite é a uma expressividade fundadora de territórios moventes: deslocar-se da representação à atuação, da repetição ao encontro de possíveis. O que pode o teatro, se convocar às emergências que pedem passagem?

## **A PRÁTICA COMO NORTEADORA**

O campo da saúde é o campo no qual se desenvolveu esse estudo em sua perspectiva analítica e propositiva. O projeto se construiu pela proposição da inserção no cotidiano do SRT Morada São Pedro, ao lado e no lugar do cuidado, no intuito de desenvolver uma prática teatral em espaço de cuidado em saúde mental, bem como estar aberto à vivência do cuidado na composição do território. Dediquei-me a buscar, a partir de um espaço de práticas pulsantes, os atravessamentos das multiplicidades, das complexidades da vivência, na produção de um olhar sensível. O material que orientou esta pesquisa foi construído por uma predisposição cartográfica, componencial.

A pesquisa se inscreveu na noção de pesquisa-intervenção na qual “sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa, se criam ao mesmo tempo”, estabelecendo uma relação que é da ordem da imanência. Nesse tipo de pesquisa, as “práticas produzem os objetos assim como também produzem políticas de subjetivação” (Barros, 2009, p.232). O objeto em questão, o cuidado em saúde mental, é visto aqui como objeto em produção, ou seja, objeto construído, produzido, inventado, pelos atravessamentos na prática desenvolvida. A atenção do pesquisador esteve, portanto, voltada à intervenção das artes no ambiente de produção de cuidado em saúde. Com foco sensível nas intensidades de que o objeto está

prenhe, a pesquisa-intervenção, com atitude cartográfica, foi eleita como procedimento de pesquisa, por dar conta de buscar sentido a partir da subjetividade do pesquisador, permitindo que o objeto se mostrasse e afetasse o pesquisador.

Barros (2009, p.234) afirma que, em cartografias, “o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo.” A atitude cartográfica, segundo a autora, parte da premissa de que é “transformando que se conhece”, o que permite afirmar que “não há sentidos para serem revelados, mas para serem criados”. Os platôs eleitos para nortear a pesquisa foram:

- ~ **Inserção:** inserção no cotidiano do serviço por pelo menos quatro turnos semanais para buscar, nas práticas observadas, vivenciadas e propostas, material para análise do lugar do cuidado em saúde. Como colaborador dos processos de trabalho, a busca foi estar atento e aberto às demandas e propostas surgidas no contato com trabalhadores e moradores de um SRT.
- ~ **Proposição:** proposição de encontro semanal para a realização de prática teatral no serviço de saúde mental. A partir da experimentação de jogos, canções e exercícios de percepção e de exploração dos sentidos corporais, destinada às trabalhadoras (cuidadoras do SRT Morada São Pedro), o intuito desta proposta foi permitir às participantes uma experimentação diferenciada de si e do coletivo, num registro extracotidiano, desenvolvendo coletivamente um entendimento do teatro e do sentido da experiência.

As atividades de campo foram desenvolvidas de junho a dezembro do ano de 2011 e incluíram, além da proposta de prática coletiva, participação das reuniões de equipe, visitas e atividades diversas com os moradores, configurando uma observação participante e uma inscrição complexa no serviço de saúde mental, visando ampliar as sensações e efetivar escutas, composições e imersões diversas. Os registros foram feitos em forma de um caderno de notas e as elaborações subsequentes pretenderam dar conta das vivências em campo ao lado e no lugar do cuidado.

A investigação desenvolveu-se a partir de uma perspectiva cartográfica de modo que as multiplicidades do objeto de pesquisa, que vem a ser o próprio cuidado em saúde, se desenharam em dimensões não previstas. Este desenho se foi traçando, a partir de uma distração fundadora de percepções dispersas, numa leitura sensível, na tentativa de dar corpo ao objeto. Como olhar e o ao que atentar foram parte de um processo de descobertas constantes, caminho de traços incertos, a constituição de roteiros pareceu mais valioso do que os predefinir. O cuidado em saúde, objeto subliminar desta pesquisa, está orientado a indivíduos e parte também das ações e configurações de território geradas por indivíduos. Esse aspecto da composição do cuidado em uma ampla perspectiva de suas dimensões – que tangem o impalpável – o revelam como incidindo sobre aspectos múltiplos de um corpo-mente-afecção-devir, para além de sua incidência sobre um corpo biológico. Em outras palavras, o cuidado incide sobre os modos de andar a vida dos indivíduos e suas configurações partem também de visões de mundo e das idiossincrasias dos agentes e fruidores desse cuidado.

A dimensão dos pensamentos aqui compartilhados destaca o caráter expressivo e composicional das ações em saúde como a potência na efetivação do cuidado, na criação de um território pulsante no qual a presença da arte é vista como possibilidade na produção de vida desde o lugar do cuidado. Quanto à relevância da pesquisa, é importante frisar que sua estruturação se deu a partir de um encontro com o serviço de saúde mental e seu coletivo de produção de saúde, o que revelou desejos de se produzir um espaço diferenciado de encontro que promovesse uma desacomodação desse mesmo coletivo. Dada a presença de artistas nos serviços de saúde mental – tanto residentes, quanto oficinairos – e sua implicação em seu cotidiano, seus trânsitos e suas vivências na produção e na gestão do cuidado, acredito ser claro que o colocar-se ao lado do cuidado é um processo de experimentação que merece atenção pelo simples fato de assim ter se constituído.

O tipo de conhecimento produzido pelas trocas potenciais que o espaço proporcionou tem um caráter singular, pois é nas idiossincrasias do coletivo e do espaço em questão que reside a potência dos conteúdos aqui desenvolvidos, o que, para além de saberes formalizados, passa por uma experiência viva, pela intenção de permitir aos sentidos uma

poesia própria, na lógica do “acontecimento”, na produção de subjetividade, pela experimentação do aqui-e-agora.

## **ENSAIOS INCONCLUSIVOS**

A educação, as maneiras e as condutas a que correntemente nos associamos, nossas formulações sobre o homem e sobre o mundo, nossos espaços de trânsito e nossas rotinas arraçadas são consoantes a uma ordem estruturante, formal, erguida e regida num espaço que nos foi sendo restringido, imposto, assimilado e reproduzido, do qual somos parte e cujos muros consistem em espelhos pelos quais, no mais das vezes, não ousamos atravessar. A adoração e o culto a essa imagem formada da vida, da sociedade, dos indivíduos, e a predisposição e busca por pertencimento e igualdade dentro desses muros de espelhos, de acordo com essas práticas que nos atravessam, constitui-se por uma aparente naturalidade, confundida que está com a noção de normalidade, tão almejada e cultuada.

Conduzidos e capturados por essa esfera de regras, espontaneidade e capacidade de invenção nos escapam, borram-se numa contenção de fluxos que parece construir uma imagem estanque do homem. O igual, o coeso, aquele que anda pelos caminhos já seguidos, já trilhados, aquele que repete e que se cansa nessa repetição das formas conhecidas, que não encontra/cria possíveis, na tentativa desbravar outras combinações, alternando caminhos, é o indivíduo dito normal, que carrega em si as marcas de uma constituição ensinada, aprendida e reproduzida. Para nos aproximarmos dessas elaborações, basta olhar ao redor. Basta analisar o esgotamento percebido na construção dos processos educativos, temerosos de apostar em transformações, mesmo tendo como evidente a insuficiência de sua estruturação; basta nos atermos ao choque causado pelas diversidades humanas – expressão do culto narcisista no interior de nossos muros de espelhos – tão rechaçadas no convívio cotidiano, nos mais diversos espaços em que estas se apresentam. Podemos nos ater à desqualificação e afastamento daqueles que, ao portarem formas distintas da forma ideada, desconfiguram e desqualificam os limites com os quais nos deparamos ante nossa imagem e aquelas outras que nos são familiares e nas quais gostamos de nos reconhecer.

Para além das amarras que nos fazem primar pela manutenção do igual, que nos desarticulam com o desejo do novo, está esse distanciamento e negação do estranhamento, da transgressão, do desajuste, daqueles com os quais não queremos sentir-nos familiarizados. Nossos contornos bem formados e assim mantidos, nada mais são do

que um estreitamento de nossas possibilidades. Nossos corpos podem muito mais do que aquilo que a eles permitimos: novos trânsitos, novas buscas, novas formas. Na potência de nossos músculos, forjamos atletas, bailarinos, trapezistas. A superação, a poesia ou o desafio não devem estar inscritos num campo funcional, para o qual se prepara os corpos físicos com objetivos. A experiência estética que a vida pode abarcar nos garante possibilidades outras, aquelas de firmar em nossos registros diferenças potenciais da ordem do indizível, do inapropriável, do intransferível, na constituição e experimentação de outros corpos, de outras dimensões da vida. A exaltação da experiência e da inovação, pela invenção e experimentação da singularidade, em registros de multiplicidades é, aqui, a grande necessidade, e não é de se estranhar que isto pareça a contracorrente dos trânsitos instituídos, pois estamos atrelados a um mundo que se pretende ordenado, ascendente e progressista.

A ordem é aquilo de que queremos prescindir. Queremos sim instituir outras ordens, cambiantes, em fluxo, desarticulando e rearticulando, aspirando liberdade, movendo-nos com liberdade e criando espaços possíveis. Que pareça abstrato, que pareça um equívoco, que pareça ofensivo, que pareça insensato, que pareça desqualificado, é um risco que corremos ao entrar em terrenos desconhecidos. Não há qualquer conhecimento prévio que nos torne completamente articulados e capacitados para enfrentar com destreza os desafios que se nos impõem o cotidiano, ou mesmo aqueles a que nos propomos, os quais nunca serão completamente previsíveis, mas complexos. Conhecer/aprender são também agenciamentos que se dão em ato e, quanto mais estivermos abertos aos fluxos e trocas que cada ambiente e cada situação nos permite, quanto maior for a nossa capacidade de composição nos espaços em que nos propusermos transitar, maior será a capacidade de movimento.

O desconhecer, no caso específico do processo que aqui se inicia, é condição significativa para agenciamentos possíveis.

## VERTIGEM E FRONTEIRA

Na configuração de um mundo que se pretende ordenado, passamos por cima de nossa grande desordem, não a enxergamos: tateamos expressões coesas. O apagamento das expressões desviantes, as verdadeiras expressões que desterritorializam, que vibram por outros territórios, de liberdade, de fluxo intenso, é o caminho seguro que nos mantém fixados, que nos faz fixistas, que nos aponta trilhas já abertas no lugar daquelas a serem desbravadas. O trânsito seria realmente fácil não fosse o desejo. Desejo de sentir-pensar a desordem, desejo de pensar-agir sobre ela não num movimento de formatação, mas num movimento de composição, de permissão de fluxos expressivos com os quais podemos nos sentir criadores, inventores, transgressores.

Escrever buscando significar algo: teorizar, nesse espaço de sentir-pensar-agir-transformar parece tarefa restrita. Ordenar, organizar ideias, promete o risco de trânsitos circulares, reproduzindo a hipnose das vivências circulares nos espaços instituídos, ordenados, que tornam dificultosa e complexa a tarefa de inventar constantemente o mundo, se fazer “transformista”. O apagamento de tais desejos de liberdade e criação se dá em limites invisíveis, impalpáveis. Ao invés da criação, o ritual: repetição. A lógica institucional fala do desgaste, impede a mudança, faz pairar forças impeditivas. Os desejos moventes de encontro com possíveis vão se restringido. Os passos tornam-se curtos, regrados, temerosos, testam minimamente limites invisíveis, mas presentes.

Vamos em direção a um ideal. Quem o criou? Por que o endossamos? Educação para uma normalização incidindo sobre cada indivíduo no intuito de “fazê-lo mudar de ponto de subjetivação, sempre mais alto, sempre mais nobre, sempre mais conforme a um suposto ideal” (Deleuze e Guattari, 1997, p.84). Pois bem, proponho que tentemos, no trato com a loucura, produtora de desordem, apagar a tensão à normalização, apagar a vontade de ordem. Muitos sofreram a tirania do discurso da cura, da restauração da normalidade. Muitos, durante décadas, tiveram seus trânsitos restritos e foram subjugados e expostos a métodos que prometiam erradicar a loucura de seus gestos, de seus atos, de suas vozes. Muitos ainda estão presos e não lograram chegar ao suposto ideal. Outros tantos, em seu



enclausuramento, foram se afastando mais e mais deste ideal. Devemos ter por certo que a acolhida é que deve ser outra, que mudanças em padrões expressivos são possíveis a todos, não apenas àqueles taxados loucos, mas àqueles taxados médicos, aos taxados cuidadores, aos taxados artistas, aos taxados humanos, enfim àqueles imbuídos do cuidado e da arte compete o acolhimento e a potencialização de oportunidades. Estas mudanças não devem seguir linhas retas ou direções preestabelecidas, a expansão dos corpos tem potência dimensional, não direcional.

Primeiro acolher a desordem como fator inerente ao nosso mundo. Enxergá-la em nós mesmos é tarefa dura, especialmente quando somos tensionados por posturas diretivas, coercitivas, em lógicas instituídas. O convite feito à invenção e à criação é um convite à flexibilização, ao encontro com lógicas outras, com a diferença. Se criativas e criadoras, apontarão sempre a outros caminhos, ao movimento, à transformação. Esta parece ser a estratégia discursiva que não deve se tornar uma tarefa, mas uma responsabilidade implicada com o desejo, desapegada de fixismos e alheia à negação de desordens e expressões há muito contidas, retidas.

Se pretendemos sustentar um discurso de inclusão, de reinserção social, o esforço parece ser o de ampliar nossos mapas cognitivos, num movimento de “acoplamento de alteridade”, não de empréstimo dos nossos padrões tão limitados. Atentar a novos padrões, a expressões consideradas desviantes e que não poderão ser apagadas se colocadas em contato com as cidades, se libertas de amarras, de paredes e de grades. Se repetimos, por que condenamos outros que também repetem? Por não refletirem aquilo que queremos enxergar? Por que o apagamento de tais ou quai repetições em detrimento de outras? (Ideal da ordem?) Qual será o resultado, se nos permitirmos compor minimamente com essas outras características, se nos deixarmos levar no lugar de barrar? (Talvez a iluminação de uma grande desordem.) A proposta dessa reflexão ensaística acompanha as propostas lançadas pelas políticas públicas de saúde nas reorientações da atenção à loucura. O lugar de trânsito que direciona, na pior das hipóteses, ou dimensiona, na melhor delas, essa reflexão – o SRT Morada são Pedro –, é um lugar marcado em alto grau pelas tecnologias duras, de segregação, por estar atravessado por uma instituição normativa – o HPSP –, com uma lógica de trabalho enrijecida, na medida em que imersa numa estrutura

organizacional. A pretensão é escapar do manicômio “assistencialista”, organizacional, anti-encontros; poder chegar ao cuidado, ao trabalho vivo, às tecnologias leves: será necessário sensibilidade, capacidade de afetar e ser afetado, de conexão com o outro. As tecnologias leves são “tecnologias de relações do tipo de produção de vínculo, autonomização, acolhimento, gestão como forma de governar processos de trabalho” (Merhy, 2007, p.49). Este ato de governar processos de trabalho passa por um partilhar da gestão com coletivo de produção de cuidado (entendido aqui como o grupo de trabalhadores e usuários de cada um dos novos serviços de referência em saúde mental).

Se o trabalho em Saúde Mental se propuser à produção de ordem, nas veias do instituído, mantém-se a lógica do aparato institucional sustentado por discursos há muito enrijecidos com os quais o discurso atual ousa bater de frente. A confusão está na definição de fronteiras. Enquanto o HPSP for o monumento fantasma, não desmanchado nem profanado por uma educação do lugar, não esvaindo nem escoando sua lógica, não será derrubado por discursos e propostas de políticas públicas, mas por sua superação. O SRT Morada São Pedro é a própria fronteira, um “em cima do muro” ancorado do lado de lá por um vínculo institucional ainda vigente. A fronteira contém a potência e o limite, determiná-la apenas como limite a limita. Longe de propor a crítica pela crítica à instituição, me ocorre pensarmos de outro modo, seguindo passos confusos de quem transita e transpõe muros prisionais com paradoxal facilidade: moradores do SRT, suas trabalhadoras, residentes e colaboradores do espaço, alguns poucos moradores do HPSP aos quais este trânsito é permitido.

A saída do SRT passa necessariamente pelo HPSP ou pela boca – de lixo, de crack. Cada um faz sua escolha – definitiva ou diária. O espaço do Hospital é convidativo na medida em que ostenta segurança – mesmo que prisional – e que apresenta pátios amplos, arborizados ou na medida em que nele encontramos amigos (trabalhadores, residentes, internos). A fronteira é móvel para alguns, fixada para outros. Alguns passam, outros se deparam com muros e grades. Alguns, imersos em frenéticas repetições, gemem e cambaleiam, repetem uma única vogal, ou duas, em gritos ou sussurros, passeiam seminus, estendem-se ao sol sem nenhuma roupa, não ousando sequer chegar até os limites do amplo espaço manicomial. As limitações e capacidades são distintas, não numa loucura fragmentária,

cindida em diversos rótulos, mas múltipla e de caráter singular. As necessidades de cuidado são muito distintas e, na lógica dos serviços substitutivos, que visam autonomia, reinserção no espaço da cidade, muitas dessas singularidades não parecem caber.

Propusemo-nos ao movimento, à composição, à proposição de lógicas de cuidado inventivas. Que tipo de serviço e que tipo de cuidadores seriam estes a acolher distorções tão evidentes? Para além de um ideal apontado, quais criações e tentativas serão permitidas? Quão móvel e viva pode ser essa fronteira? O que chamamos de ética no cuidado ao nos depararmos com vidas produtoras de tamanha desordem e sem infiltração *por / nos* nossos emolduramentos normalizantes? Que vidas podem aí emergir? Estas são questões densas. Realidades densas e não ordenáveis, ou pelo menos não tão ordenáveis quanto alguma pretensão possa almejar. Trazer de volta para a cidade e propor o desenvolvimento de autonomia são movimentos que remetem, pelo menos num primeiro momento, ou a um esforço de normalização da loucura – tarefa já bastante desgastada pelos discursos e práticas psiquiátricas – ou a uma vivência mais intensa das desordens. Esta última é o novo desafio.

## **TERRITÓRIOS DE COMPOSIÇÃO NOS REGISTROS SUBJETIVO-COLETIVOS**

Quero, por corpos, aqui, entender registros de multiplicidades. Para além de entendimentos dicotômicos, que cindem e fragmentam complexidades, dividindo o todo em partes, criando cisões teóricas, dando forma estanque a fluxos vivos em transformação, quero entender nossos corpos como territórios expressivos, territórios de registros abstratos ou concretos de intensidades pulsantes, em devir, territórios vivos. O território é, para Deleuze e Guattari (fonte), um ato. O território se constrói inicialmente pela expressão e sua conseqüente apropriação/criação. Se território é entendido como um ato, eu posso até mesmo transitar, mas não componho territórios e não me aproprio deles se não tiver liberdade de expressar-me, de atuar com leveza ou força, com vigor, com rigor.

A lógica manicomial trabalha no sentido desse apagamento. Um sujeito asilado em um manicômio está exatamente privado de uma expressão singular. Não queremos entre nós alguém que sustenta uma imagem com a qual não queremos nos identificar. Essa é a lógica da segregação. As cidades estão organizadas de maneira que haja certa harmonia e equidade de padrão social-expressivo em determinados territórios, bairros, vilas, assentamentos. Esta produção de ordem apaga ou, pelo menos, segrega, em alguma medida, o diverso, diminuindo desconfortos, criando limites mais definidos, identitários, de classe. O que se exclui é o exercício da alteridade, do outramento, o contato com a diferença.

No limite, está o asilamento institucional, situação ainda vivida por inúmeros cidadãos em presídios, manicômios. Este tipo de experiência apaga registros expressivos: primeiro, pelo impedimento do trânsito, impedimento da composição e experimentação de diversos territórios, depois, pela contenção física, química ou territorial que despotencializa a capacidade de expressão, de afetar e ser afetado por multiplicidades, pluralidades... Quanto menor o caráter expressivo do humano, menor sua participação em territórios, não se concretiza a composição. Esbarramos assim com limites, muros, algemas, medicamentos, mordanças, filas para isso e para aquilo, revistas, higienização, padronização, regras e condutas, grades, cadeados, protocolos, barramento de fluxos, uniformes, controle. As subjetividades em produção nesses registros tão restritos acabam marcadas por uma despotencialização do desejo. Em alguns casos, a vida é tão intensamente despotencializada, que mesmo os olhos não são mais território expressivo.

Se há liberdade, os corpos podem seguir fluxos ou mesmo criá-los! Os olhos podem brilhar, irradiar alegria, podem crispá-se de ódio, se arregalar curiosos ou assustados, afetar aqueles que a eles se conectam, serem afetados por tudo que os cerca. Se compreendermos os corpos como em composição constante, com suas intensidades alteradas pelas sensações que os atravessam, podemos chegar à conclusão de que o que entendemos por “eu” está em um fluxo cambiante, transformação constante, é parte de diversas composições nos trânsitos cotidianos, experimenta diversos territórios, compõe, nos registros subjetivos-coletivos, diversos territórios, atos. Isto, na medida em que se coloca em produção, ou seja, se expressa. Minha subjetividade tem o potencial de afetar e

ser afetada, de deformar e deformar-se, de criar, singularizar, diferir em lugar de repetir.

Partimos de padrões. Transformar o mundo parte sempre de apropriações deste... o caráter novo, expressivo, passível de atravessar subjetividades, parte de um lugar de ser/estar/trocar que escuta o entorno ou, ao menos minimamente, compõe com ele! Perceber o mundo, ter consciência dele é um caminho possível para alçar nossas invenções de mundo. O discurso, quando fechado, é também uma forma de enrijecimento, engessamento. O discurso em nome do outro, sem o atravessamento de seu corpo, não tarda em iniciar um trabalho teórico para sustentação de uma forma. Isto vai esbarrar nos fluxos da vida, nas constantes deformações que nos perturbam em nós mesmos e naquilo que nos cerca e que não deve ser negligenciado numa orientação racional ou moral. Tudo se transforma e, certas formas de enunciação cumprem a tarefa inversa; a de estancar fluxos e formar mentes que, capturadas, tenderão a seguir linhas retas. Formar opiniões e transmitir informações, em processos humanos, de trabalho, educativos. É uma direção rasa. A educação deve iniciar-nos na apropriação de processos de criação e transformação do mundo: gerar culturas de afirmação do vivo e da viva, gerar seres pensantes, com capacidade de implicação com a transformação.

**A TÍTULO DE CONCLUSÃO**

Os caminhos da pesquisa, orientados por uma prática, um caminho de práticas ainda em construção, tiveram um peso norteador que, em meus trânsitos, colocaram a arte como uma proposta de pensamento-ação que se revelou em construções ainda tímidas e também intimidadas por estruturas que devem ainda buscar caminhos de liberdade. Ao lado das figuras da segregação, longe de buscar representações, acredito que a chance que temos é de buscar orientações singulares por compreensão cambiante, em fluxo, atenta aos movimentos excludentes, no intuito de infiltrações que mudem panoramas estéticos, revolvendo implicações de uma ética pela vida, em uma construção coletiva, atravessada de multiplicidades em dissonância, para compor dimensões qualitativas para práticas de cuidado.

O encontro com o SRT Morada São Pedro, serviço construído com intuito de inventar propostas de cuidado, porém ancorado em acordos e trânsitos institucionais prevalentes, foi um encontro bastante vertiginoso, dada a estética de segregação em que o serviço está inscrito, ao desgaste sentido, vigente, instituído. As configurações sensíveis que atravessam este espaço de atuação são parte de um trajeto que buscou dar conta de olhares à desordem, do caminho árduo de desconstruir e inventar, fazer emergir encontros de possíveis, ampliando a configuração espaço-temporal em que se inscrevem inúmeras pessoas numa complexa tarefa de reorientação de projetos de vida.

A capacidade de acolhimento às singularidades, aceitação ativa das diversidades, abertura à alteridade, é o mote do trabalho em saúde mental, num processo de redimensionamento de planos de composição, de atenção a pequenos sinais de vontade, de evocação de disparadores de desejo. Que o tempo, nesses processos, seja o tempo da contemplação ativa, na tarefa de compor vagarosamente práticas de cuidado que são muitas vezes simples e delicados atravessamentos nos trânsitos cotidianos. Outras tantas vezes, uma tarefa árdua de suportar dissonâncias gritantes que parecem insustentáveis. A disponibilidade e disposição à escuta, ao acompanhamento, às tarefas de olhar, de tocar, de trocar, de sentir sem ressentir, parecem predicados imprescindíveis a estas construções.

Estar com, num movimento empírico, que privilegie um campo relacional como objeto de práticas e de discursos parece ser condição. Esta foi a oferta a que me propus, buscando

atravessamentos da arte, do teatro aos movimentos de apropriação para construções inovadoras. Aqui, ousa pensar o lugar da gestão e do trabalho em seus múltiplos atravessamentos, urdindo uma trama de trabalho atravessada por trocas e produções coletivas. Quando trabalhamos sobre um espaço concebido como uma forma, a apreensão do tempo é desconfigurada, desrespeitada. Passa-se por cima de realidades que pulsam, passa-se por cima de expressividades que necessitam escuta, incentivo à invenção, liberdade e aposta para erigir produções.

Há, no núcleo do trabalho e da formação em saúde mental, inúmeras vozes (usuários, gestores, trabalhadores, residentes, pesquisadores), cada qual em seu espaço de práticas, cada qual em seus trânsitos, desejos, olhares. O sistema de trocas que pode permitir transformações mais potentes é ainda restrito. A formação de uma rede de atenção deve ser também um ato, não uma imagem mental. Um trânsito a ser criado, não suposto e idealizado. Estes processos são custosos pois envolvem uma gama enorme de singularidades, um esforço por uma orientação coletiva pautada na escuta e na instauração de processos desejantes nos quais o coletivo deve ser implicado, sentir-se valorizado, num fazer com, num agir amparado (deixar que os envolvidos compartilhem o que veem, suas visões e seus sentimentos, respeitando suas limitações, atentando a suas potências, a sua maneira de articular) que busca práticas num fomento à composição, partindo de instituídos a voos mais intensos.

A liberdade para a criação de territórios parece possível através de uma abertura às expressividades, ou mesmo de descoberta destas expressividades, ao menos se quisermos territórios em ato, nestes implicados nossos corpos, nossas subjetividades, o cuidado. Ao lado e no lugar do trabalho, atentando ao SRT Morada São Pedro, exponho a necessidade da valorização de práticas e discursos, para uma configuração apoiada nas tensões e linhas de forças que atravessam esta realidade em construção. O objetivo é chegar a um emparelhamento mínimo de propostas e ações, teorias e práticas, condições para uma sustentação real de propostas políticas e teorias educacionais que sejam possibilitadoras de qualificação. Queremos chegar a um território pactuado, no qual os trabalhadores sejam chamados a participar de decisões, tenham suas falas e suas práticas empoderadas.



Pelo viés do acolhimento, da escuta, do atravessamento de tecnologias leves, chegaremos, cedo ou tarde, a um lugar de participação que englobe trabalhadores, moradores e residentes e, por que não, colaboradores que, vivendo o dia a dia dos serviços, lidando com suas dificuldades, possam, talvez, desorganizar planos teóricos, emprestar outras perspectivas, dissonantes, pulsantes, confusas, numa desordem orientadora. Há ainda outras vozes que precisam ser ouvidas e incluídas na desconstrução de instituídos e no encontro de possíveis. E a estas devemos emprestar também muito tempo para criar um entendimento, para olhar fundo de que lugar elas falam, para percebê-las dissonantes e não as encaixotar na forma “louco”, nem despotencializá-las de seu poder vertiginoso.

Se a nossa tarefa é transformar ambientes de trabalho, por meio da criação de práticas, criar perspectivas é alçar projetos de vida, em vidas carentes, em abandono, sem laços familiares ou com comunidade alguma e muitas vezes sem capacidade de infundir sós esses atravessamentos. Precisamos, então, conseguir criar, precisamos encontrar novas expressões. Primeiro lidar com cada expressão que surge diante de nós, aceitar a diferença em nós e nos outros, para poder dar conta dessa tarefa de flexibilizar, de acolher, de abraçar e estar ao lado dessas expressões desviantes. Esta, certamente, não é tarefa de um só. Minimamente, as quatro pontas de um quadrilátero (formação, gestão, atenção e controle social) devem infundir criação, devem gingar com arte, em trocas constantes, exposição, coletivização, para aumentar os atravessamentos.

A qualquer passo encontramos durezas que nos deixam aquém de encontrar possíveis. Há um poder invisível nos instituídos, nas instituições: trânsitos, práticas, burocracias, padrões moralizantes e moralizáveis de comportamento. A experimentação e criação devem acolher desordens, agregar a transgressão às faculdades expressivas. A busca de um equilíbrio ético é outra descoberta a ser infundida nessa na busca de lógicas outras. Certamente uma ética que atravesse hierarquizações, uma ética de construções coletivas, clareza, descentralização de decisões e escuta ampliada, alongada, que dê realmente as mãos, que incida horizontalmente acolhendo os reflexos como horizontais, num equilíbrio de forças, em pactuação constante! As demandas contatadas na condução de serviços, de práticas cuidadoras e de práticas educativas apontam desafios à gestão e à formação que dão suporte à formação em saúde mental. Passemos então aos espaços coletivos, para

alcançarmos amparos, reparos, lidar com as deformações que a realidade infunde e produzir algo sobre elas. É um exercício de aproximação, de trocas, aceitação de dissonâncias, de constatações duras da realidade. A escuta, o vínculo, a atenção, a sensibilidade são carências coletivas nos espaços de produção de saúde. Para dar conta de infundir criação, uma das propostas pode ser a de manter os processos na boca do povo, como bem propõe a direção de uma pedagogia da implicação, atentar ao gerenciamento dos processos de trabalho e seus interesses, para que não caiam no abandono, fomentar faculdades expressivas para chegar a uma implicação viva, atuante, de acordo com a criação.

## REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARJA, Adriana Marques e RIBEIRO, Camila de Assis Covas. O teatro na terapia ocupacional como recurso terapêutico para promoção da saúde mental (XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba), 2007.

BARROS, Regina Duarte Benevides de. Grupo: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

BAUMAN, Zigmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRECHT, Bertold. Histórias do Sr. Keuner. São Paulo: 34, 2008.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza; DOMITTI, Ana Carla. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. Cadernos de Saúde Pública. 2007; 23(2): 399-407.

CANGUILHEM, Georges. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARDOSO, Rozane S. O jogo clownesco e suas significações no cotidiano asilar. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

CECCIM, Ricardo Burg. "Um sentido muito próximo ao que propõe a educação permanente em saúde": O devir da educação e a escuta pedagógica da saúde. Interface - Comunicação, Saúde e Educação. 2007; 11(22): 358-361.

CECCIM, Ricardo Burg; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis. 2004; 14(1):41-65.

CECCIM, Ricardo Burg e PALOMBINI, Analice de Lima. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. Psicologia e Sociedade. 2009; 21(3):301-312.

CECCIM, Ricardo Burg. Equipe de saúde: perspectiva entredisciplinar na produção dos atos terapêuticos. In: PINHEIRO, Roseni, MATTOS, Ruben Araujo. Cuidado: as fronteiras da integralidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Abrasco, 2006, p. 259-278.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs - v. 4. São Paulo: 34, 1997.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAGUNDES, Sandra Maria Sales. Águas da pedagogia da implicação: intercessores da educação para políticas públicas de saúde. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LINS, Maria Ivone A. e LUZ, Rogério. D. W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

MACHADO, Maria Clara. Teatro na educação. Cadernos de Teatro, 1972; 52:6-10.

MERHY, Emerson Elias. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular. Brasília: MS, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Humano, demasiado humano. São Paulo: Escala, 2007.

ROLNIK, Suely. O mal-estar na diferença. Anuário Brasileiro de Psicanálise, 1995; 3(1):97-103.

**EVE**

Entrando na primeira rua, chegando à metade da primeira quadra, ele tem o impulso de entrar na terceira casa. Ouve-se uma voz que canta na casa ao lado, a quarta casa... a canção é Vento Negro. Sente-se chamado pelo som dessa voz que o atravessa. Altera-se, é um novo entorno, um novo humor. Encontra, enfim, o olhar dessa voz que canta. São olhos vivos de mulher, sentados no sofá, no interior da casa. Começa a cantar com ela, vai até a porta da casa ao tempo em que ela se levanta a seu encontro. Cantam a canção juntos, até o fim e alegram-se, e sorriem... seria uma alegria maior se houvessem mais vozes, ou uma plateia.

Tem uma vaidade que não é exagerada. Cabelos crespos que prefere deixar presos, causando uma bela surpresa ao libertá-los. Alegra-se quando sai pra namorar. Os beijos não são longos. Sorri muito depois de cada um deles, os olhos em chamas. Gosta de ter unhas pintadas, cabelos presos, brincos, pulseiras, perfumes. Quer arrumar os dentes, e não gosta de dentista – melhor se for homem. Sua alimentação é controlada, mas adora comer doces, pastéis e tomar café preto. Hora se acha gorda, hora se acha magra, mas de qualquer maneira acha que tem pernas finas. Às vezes, enquanto caminha com suas pernas finas, sente vertigens, sente medo de cair e grita por ajuda. Apesar da dificuldade, do medo de ficar em pé, já caminhou quase meia hora sob um guarda-chuva em dia de chuva – estava acompanhada, estavam cantando – e quer, com frequência, ir ao Jardim Botânico onde namora, encantada, águas e verdes e jardins e outra mão na sua e beijos furtivos com olhos em chamas e alegres gargalhadas. Em outros momentos tem medo de sentir-se tonta e não quer caminhar: este é o medo de ter medo... e dizem a ela que não é bom se precaver tanto enquanto ela pede que lhe estendam a mão.

Fala muito no passado e num antigo amor. Hora o chama “aquele homem”, hora o chama “meu neguinho”, hora “desgraçado”, hora “meu amor”. Fala de amor com desespero ou com ternura. Amor para ela significa cuidado. Lembra do tempo em que seu neguinho a cuidava, tempo em que também podia cuidar dele. Acha que ele não a quer por que seu sorriso não é tão bonito quanto o dele. Quer um sorriso novo, como o dele.

Quando grita muito, indignada ou com raiva, reclamando de tudo ou de nada, repetindo as frases usuais, fica rouca, diz que não se ajuda, que quer melhorar. Às vezes, cansada de gritar, reclama baixinho de estar com a voz rouca: reclama da voz, pede chás, mel, gengibre:

se fica com a voz “ruim” não gosta de se ouvir cantar. Seu repertório musical é imenso e sua potência vocal tremenda. Imita, inventa, tem uma memória musical impressionante, eclética e sem preconceitos. Vai de um lindo grave a um agudo intenso, ao gosto de suas mudanças de humor. Toca gaita de boca, canta samba lindamente acompanhada de seu vizinho, que vem à sua casa tocar pandeiro e sorrir cantando ou cantar sorrindo. Às vezes aceita outros vizinhos em sua casa e há dança e mais sorrisos.